



Instituto Universitário de Lisboa

Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

**O Papel do Envolvimento Paterno nas Relações de Coparentalidade,
em Famílias Nucleares com Crianças em Idade Pré-Escolar**

Tânia Filipa Pinto de Sousa

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia
Comunitária e Proteção de Menores

Orientadora:

Professora Doutora Lígia Maria Santos Monteiro, Professora Auxiliar

Instituto Universitário de Lisboa, ISCTE

Outubro, 2015

*“Eis o meu segredo.
É muito simples: só se vê bem com o coração.
O essencial é invisível aos olhos.”*

Antoine de Saint-Exupéry

AGRADECIMENTOS

Ainda que as palavras não sejam suficientes, não poderia deixar de, pelo menos, tentar expressar toda a gratidão que sinto pelo carinho, apoio e dedicação, que recebi no decorrer de todo este percurso de aprendizagem.

À Professora Doutora Lígia Monteiro por toda a orientação, disponibilidade e exigência. Por todas as oportunidades de aprendizagem que me proporcionou!

Às instituições que me acolheram, em especial: Ao Externato da Luz, Ao Centro Social Paroquial De São Vicente De Alcabideche, À Creche Bebê Xarila. Um agradecimento ao corpo diretivo, às educadoras de infância, aos cuidadores, e às crianças que, generosamente, aderiram a este projeto, tornando-o realidade. À Isabel e à “Manelita”!

À equipa da CPCJ da Amadora, e da Fundação da Juventude, por todas as experiências e aprendizagens que me proporcionaram! Por todo o carinho e apoio! Às crianças, famílias e jovens que tanto contribuíram para o meu desenvolvimento pessoal e profissional!

À Samanta e, em especial, à Ana, por terem sido uma das minhas forças em momentos de maior adversidade. Por toda a amizade!

À Ginha e ao Sr. António por terem sido o meu “anjinho”!

À Lurdes, ao Eduardo e ao Tiago por me terem “abraçado” no início desta etapa. Por todo o carinho e apoio!

Aos meus tios Cristina e Rui, e aos meus “irmãos” Catarina e Rui, por toda a amabilidade, paciência, e carinho. Por serem dos meus melhores exemplos!

Aos meus tios Lina e Lucas, e aos meus primos Márcia e Bruno, por todo o apoio demonstrado ao longo deste caminho, nem sempre fácil!

Aos meus tios Lena e Alexandre, Zeza, Arminda e Zeca, e, em especial, Vera e Joaquim, por todo o apoio! Obrigada por me terem ensinado a “caminhar”, independentemente do solo que piso!

Ao meu afilhado Tiago e aos meus primos Francisco e Marco, por fazerem de mim uma pessoa mais especial!

Ao meu avô Augusto, pelo amor que sempre me demonstrou. Por sempre ter confiado nas minhas capacidades! Por sempre me lembrar como é bom ser-se uma eterna criança.

Ao Diogo, por todo o amor... Por todo o apoio... Por toda a partilha!

Aos meus pais, ao Diogo e à Maria! Por toda a força que sempre me transmitiram, e pelo que são... O meu porto seguro!

RESUMO

Mudanças fundamentais na vida familiar, como o aumento da participação feminina no mercado de trabalho e mudanças operadas nas relações sociais de gênero, têm desencadeado uma nova visão da paternidade. Neste sentido, no primeiro estudo, visou-se analisar o envolvimento paterno ao nível dos Cuidados e da Socialização, e a sua relação com os estilos parentais adotados pelos cuidadores. As variáveis sociodemográficas foram controladas. Participaram 199 famílias nucleares com crianças em idade pré-escolar. As figuras parentais responderam: a um questionário sociodemográfico (mãe); à Escala de Envolvimento Parental: Participação em Atividades de Cuidados e de Socialização (mãe); ao Questionário de Estilos e Dimensões Parentais (pai). Os resultados indicaram que as atividades de Cuidados são, mais frequentemente, realizadas pela mãe, enquanto as atividades de Socialização são, tendencialmente, partilhadas de modo igualitário por ambos os cuidadores. Verificaram-se, ainda, associações entre as dimensões do envolvimento paterno, ao nível dos Cuidados e da Socialização, e os estilos parentais. No segundo estudo, visou-se analisar a relação entre o envolvimento paterno nas atividades de Cuidados e de Socialização, e a qualidade da relação coparental. As variáveis sociodemográficas foram, igualmente, controladas. Participaram 59 pais e 83 mães, constituintes de famílias nucleares com crianças em idade pré-escolar. As figuras parentais responderam: a um questionário sociodemográfico (mãe); à Escala da Relação Coparental (pai e mãe); à Escala de Envolvimento Parental: Participação em Atividades de Cuidados e de Socialização (mãe). Os resultados indicaram que o envolvimento do pai, ao nível dos Cuidados e da Socialização, encontra-se associado à qualidade da relação de coparentalidade.

Palavras-Chave: Parentalidade, Envolvimento Paterno, Estilos Parentais, Coparentalidade

2950 Casamento e Família

2956 Educação e Cuidado Infantil

2900 Processos e Questões Sociais

ABSTRACT

Fundamental changes in family life as the increase of female participation in the work market and the changes in the gender roles, have triggered a new vision of fatherhood. In this sense, the first study aimed to analyse father involvement at the level of Care and Socialization activities, and their relationship to parenting styles adopted by fathers. The sociodemographic variables were controlled. Participants were nuclear families ($N=199$) with children at preschool age. Parents responded to a sociodemographic questionnaire (mother); the Parental Involvement: Care and Socialization Activities (mother); the Parenting Styles and Dimensions Questionnaire (father). The results indicated that Care activities were more often accomplished by the mother, while Socialization activities were equally shared by caregivers. Associations were also found between the dimensions of father involvement and parenting styles. The second study aimed to analyse the relationship between father involvement in the Care and Socialization activities, and the quality of coparental relationship. The sociodemographic variables were also controlled. Participants were 59 fathers and 83 mothers, constituents of nuclear families with children at preschool age. Parents responded to a sociodemographic questionnaire (mother); the Co-parenting Relationship Scale (father and mother); the Parental Involvement: Care and Socialization Activities (mother). The results indicated that father involvement is associated with the quality of co-parenting relationship.

Keywords: Parenting, Father Involvement, Parenting Styles, Co-parenting

2950 Marriage & Family

2956 Childrearing & Child Care

2900 Social Processes & Social Issues

ÍNDICE

| | |
|--|-----------|
| Introdução | 1 |
| ESTUDO 1: <i>Envolvimento paterno: associações entre as suas dimensões e os estilos parentais, em famílias nucleares com crianças em idade pré-escolar</i> | 3 |
| Enquadramento Concetual | 4 |
| Método | 15 |
| Resultados | 18 |
| Discussão | 22 |
| ESTUDO 2: <i>Envolvimento paterno: associações entre as suas dimensões e a qualidade da relação coparental, em famílias nucleares com crianças em idade pré-escolar</i> | 26 |
| Enquadramento Concetual | 27 |
| Método | 34 |
| Resultados | 38 |
| Discussão | 45 |
| Discussão Geral dos Estudos | 49 |
| Referências | 51 |
| Anexos | 66 |

ÍNDICE DE QUADROS

| | | |
|-------------|---|----|
| Quadro 1.1. | Médias e Desvios Padrão do Envolvimento Paterno nas 5 Dimensões | 18 |
| Quadro 1.2. | Correlações de Spearman (r_s) entre as Variáveis Sociodemográficas e o Envolvimento Paterno | 19 |
| Quadro 1.3. | Médias e Desvios Padrão dos Estilos Parentais reportados pelo pai | 20 |
| Quadro 1.4. | Correlações de Spearman (r_s) entre as Variáveis Sociodemográficas e os Estilos Parentais reportados pelo pai | 20 |
| Quadro 1.5. | Correlações de Spearman (r_s) entre o Envolvimento Paterno nas 5 dimensões e os Estilos Parentais reportados pelo pai | 21 |
| Quadro 2.1. | Médias e Desvios Padrão da Qualidade da Relação Coparental, reportada pelo pai e pela mãe | 38 |
| Quadro 2.2. | Concordância entre a perspectiva paterna e materna acerca da Qualidade da Relação Coparental | 39 |
| Quadro 2.3. | Correlações de Spearman (r_s) entre as Variáveis Sociodemográficas e a Qualidade da Relação Coparental, reportada pelo pai e pela mãe | 41 |
| Quadro 2.4. | Médias e Desvios Padrão do Envolvimento Paterno, na perspectiva materna | 42 |
| Quadro 2.5. | Correlações de Spearman (r_s) entre o Envolvimento Paterno e a Qualidade da Relação Coparental, reportada pelo pai e pela mãe | 43 |

INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos a parentalidade tem sido objeto de um interesse crescente, por parte dos investigadores, dado o seu impacto no desenvolvimento e bem-estar da criança (e.g. Baumrind, 1967, 1971; Maccoby & Martin, 1983; Darling & Steinberg, 1993; Bornstein, 2002; Roskam & Meunier, 2009). Apesar do enfoque inicial no papel e importância da mãe (Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth, & Lamb, 2000; Saracho & Spodek, 2008; Dette-Hagenmeyer, Erzinger, & Reichle, 2014), nas últimas décadas, os investigadores têm atribuído uma maior ênfase aos contributos da figura paterna, para além do seu suporte financeiro ou papel disciplinador (Lamb, 2010; Martin & Redshaw, 2010). Deste modo, por oposto às primeiras concetualizações, atualmente reconhece-se que o pai desempenha diversos papéis significativos, cuja importância varia entre épocas históricas e culturais (Lewis & Lamb, 2003; Lamb, 2010).

No contexto português, há cerca de quarenta/cinquenta anos, a vida social e familiar apresentava-se fortemente marcada pela diferenciação de género, na qual o homem era tido como o principal, ou mesmo único, sustento económico da família, e a mulher como a principal responsável pela família e cuidados à criança (Aboim, 2010). Contudo, e em grande parte, devido ao aumento da participação feminina no mercado de trabalho, tem-se assistido a reorganizações fundamentais nas estruturas e dinâmicas familiares (Cabrera et al., 2000), sendo Portugal um dos países europeus com um maior número de mulheres a trabalhar a tempo inteiro (Aboim, 2010; Glaser, Price, Montserrat, Gessa, & Tinker, 2013; PORDATA, 2014). Neste contexto passou a ser visto como desejável a divisão de tarefas domésticas, económicas e parentais com uma partilha efetiva por ambos os cuidadores, independentemente do género (McConnell & Kerig, 2002; Lamb & Tamis-LeMonda, 2004).

Embora o envolvimento do pai não inclua, ou se refira, apenas ao contacto direto entre este e a criança, um elevado número de investigações tem-se centrado, essencialmente, nas características quantitativas do envolvimento paterno (Cabrera, Tamis-LeMonda, Lamb, & Boller, 1999; ver Pleck, 2010a), negligenciando o aspeto da qualidade das interações. Deste modo, urge a necessidade de se integrar medidas de carácter quantitativo e qualitativo, de modo a obter-se uma compreensão mais abrangente sobre o constructo (Saracho & Spodek, 2008).

O envolvimento do pai deve ser analisado considerando variáveis que o influenciam, mas também, de que modo é que este maior ou menor envolvimento poderá influenciar, por

exemplo, as dinâmicas familiares. Assim, torna-se pertinente analisar a relação entre o envolvimento do pai e a qualidade da relação coparental (Buckley & Schoppe-Sullivan, 2010). A coparentalidade, assim como o próprio envolvimento paterno, representa uma fonte importante de influência da família na socialização da criança, uma vez que, para o ajustamento social infantil, é importante o estabelecimento de boas relações entre os vários elementos (Morgado, Dias, & Paixão, 2013). Estudos longitudinais realizados neste âmbito têm demonstrado que o envolvimento paterno apresenta um efeito positivo e significativo nas relações de coparentalidade (e.g. Jia & Schoppe-Sullivan, 2011; Fagan & Cabrera, 2012).

Este trabalho pretende contribuir para a análise e compreensão do fenómeno do envolvimento paterno. Num primeiro estudo, com uma amostra de 199 famílias nucleares com crianças em idade pré-escolar, analisa-se o envolvimento paterno (descrito pela mãe) nas atividades de Cuidados e de Socialização; e a sua relação com os estilos parentais do pai, reportados pelo mesmo, combinando deste modo a quantidade e qualidade do envolvimento. Num segundo estudo, com uma amostra de 59 pais e 83 mães, analisa-se a relação entre o envolvimento paterno (descrito pela mãe), ao nível dos Cuidados e da Socialização, e a qualidade da relação de coparentalidade, na perspetiva de pais e mães.

ESTUDO 1

ENVOLVIMENTO PATERNO: ASSOCIAÇÕES ENTRE AS SUAS DIMENSÕES E OS ESTILOS PARENTAIS, EM FAMÍLIAS NUCLEARES COM CRIANÇAS EM IDADE PRÉ-ESCOLAR

ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL

Envolvimento Paterno

Apesar do crescente interesse sobre a figura paterna, nomeadamente, sobre o seu papel no contexto familiar e, em particular, na educação e desenvolvimento da criança (ver Lamb, 2010), a literatura acerca da paternidade é consideravelmente mais recente quando comparada à da maternidade (Saracho & Spodek, 2008; Dette-Hagenmeyer, Erzinger, & Reichle, 2014).

O progenitor, envolvido primordialmente no sustento económico da família e, eventualmente, no exercício de disciplina e autoridade para com a criança (ver Lamb, 2000), vai-se diluindo num pai mais presente e afetuoso, que apresenta características tipicamente e tradicionalmente atribuídas ao género feminino, como a prestação ativa de cuidados à criança (Cabrera, Tamis-LeMonda, Lamb, & Boller, 1999; Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth, & Lamb, 2000).

Na literatura, o termo “paternidade” tem sido empregue de duas formas distintas. Por um lado, é mencionado como um estatuto (parental), que inclui todas as formas de parentalidade, assim como outras dimensões, tais como a idade com que o progenitor se tornou pai, o número total de filhos, a diferença de idades entre as crianças, se os filhos são (ou não) biológicos (Pleck, 2010b). Por outro lado, é definido pelo modo como é exercida a parentalidade, sendo o envolvimento paterno (Lamb, Pleck, Charnov, & Levine, 1987 cit. por Pleck, 2010a) o constructo mais amplamente utilizado no estudo da paternidade (Pleck, 2010b).

No final da década de 70, decorrente da entrada da mulher no mundo do trabalho e, conseqüentemente, da necessidade de o pai assumir mais frequentemente o cuidado pela criança, o envolvimento paterno era concetualizado e operacionalizado, especialmente, como um fenómeno temporal e facilmente observável (Palkovitz, 1997), que se prestava a tempo quantificável e a interação geralmente direta entre a díade pai-criança (Lamb, 1992; Cabrera et al., 1999). O foco sobre estes componentes ignorava, assim, outras formas de contributo do pai para o bem-estar e desenvolvimento da criança, como os efeitos indiretos (e.g. apoio económico à família; suporte emocional aos que estão envolvidos nos cuidados diretos à criança, nomeadamente, à mãe) (Lamb, 2000; Parke, 2000).

Nos últimos anos, alguns investigadores (e.g. Lamb et al., 1987 cit. por Pleck, 2010a; Radin, 1993; Palkovitz, 1997) têm apresentado um esforço no sentido de uniformizar o modo como o envolvimento paterno é concetualizado e operacionalizado, assim como, quais os seus

efeitos no bem-estar e desenvolvimento infantil, contestando a crença das investigações iniciais de que, sendo mínimo, o envolvimento do pai não afetava o desenvolvimento da criança (Bronte-Tinkew & Moore, 2004; Saracho & Spodek, 2008).

Uma das carências apontadas na literatura por alguns autores (e.g. Lamb, 1992; Parke, 2000) dizia respeito às distintas definições de envolvimento paterno empregues, que dificultavam a comparação de resultados obtidos empiricamente. De forma a superar esta limitação, Lamb, Pleck, Charnov e Levine (1987 cit. por Pleck, 2010a), desenvolveram um modelo composto por três elementos: (a) envolvimento/interação, que compreende a experiência do pai no contacto direto e interação partilhada com a criança, sob a forma de cuidado, brincadeira, ensino ou lazer; (b) acessibilidade, relacionada com a presença do pai e/ou disponibilidade para a criança, independentemente da natureza ou extensão da interação entre a díade; (c) responsabilidade, relacionada com a compreensão e satisfação das necessidades da criança, incluindo atividades de planeamento, organização e cuidados à criança.

Este modelo, apesar de se apresentar influente na orientação da investigação sobre o envolvimento paterno (Schoppe-Sullivan, McBride, & Ho, 2004; Bronte-Tinkew & Moore, 2004; Jacobs & Kelley, 2006), apresenta limitações, nomeadamente, a sua visão unidimensional sobre o fenómeno (Hawkins & Palkovitz, 1999). Embora os estudos iniciais neste âmbito tenham atribuído um foco predominante nos aspetos quantitativos do comportamento paterno, é, atualmente, cada vez mais reconhecido, que tanto a quantidade como a qualidade dos comportamentos parentais são dimensões igualmente importantes do envolvimento paterno (Tremblay & Pierce, 2011). Este deve, assim, ser entendido como um constructo complexo e multidimensional, que compreende o domínio comportamental (índice mais vulgarmente utilizado, devido à sua maior facilidade de observação e quantificação), o domínio afetivo (que compreende o tipo e quantidade de emoções positivas e negativas experienciadas pelo pai), e o domínio cognitivo (que compreende aspetos manifestados explicitamente, como decisões realizadas em conjunto pela díade pai-criança, e aspetos implícitos, como o planeamento de uma atividade para a criança) (Hawkins & Palkovitz, 1999).

A partir da formulação do modelo tripartido proposto por Lamb e colaboradores (1987 cit. por Pleck, 2010a), alguns investigadores têm sugerido reformulações complementares, tendo em vista uma maior abrangência do conceito, e uma análise mais aprofundada da contribuição paterna na dinâmica familiar (Schoppe-Sullivan et al., 2004). Radin (1994)

diferencia o “envolvimento absoluto”, que considera apenas o pai, sem qualquer referência a outro cuidador (e.g. número de horas que o pai se encontra a sós com a criança), de “envolvimento relativo”, que compreende a comparação entre as duas figuras parentais (e.g. percentagem de tempo que cada cuidador despende no desempenho de uma função). Por sua vez, Parke (1996, cit. por Monteiro, Veríssimo, Santos, & Vaughn, 2008) propõe uma distinção entre o nível de envolvimento nas tarefas de cuidado à criança, e o nível de envolvimento nas atividades de brincadeira/lazer, diferenciando os contextos e os tipos de interação. Palkovitz (1997) amplia o conceito, fazendo referência a quinze dimensões de envolvimento paterno (comunicação; ensino; monitorização; processos cognitivos; recados; prestação de cuidados primários; manutenção do ambiente da criança; interesses partilhados; disponibilidade; planeamento; atividades partilhadas; provisionamento; afeto; proteção; suporte emocional).

Pleck (1997, cit. por Pleck & Masciadrelli, 2004) propõe a reformulação do conceito, no sentido do “envolvimento paterno positivo”, que compreende a frequência com que determinadas atividades (e.g. leituras, conversas) promovem o desenvolvimento da criança. O modelo de Pleck (2010b) é um outro exemplo de um esquema revisto do envolvimento paterno, que inclui três componentes principais: (1) atividades de envolvimento positivas; (2) afetividade e capacidade de resposta; (3) controlo. Além destas componentes, inclui dois domínios auxiliares: (4) cuidados indiretos; (5) responsabilidade de processo. A primeira, já antes defendida pelo autor (Pleck, 1997 cit. por Pleck & Masciadrelli, 2004), compreende interações entre a díade pai-criança, suscetíveis de promover o desenvolvimento infantil. A componente “afetividade e capacidade de resposta” diz respeito à capacidade de o pai responder às necessidades da criança, de modo afetuoso (e.g. com abraços e elogios). Por último, a dimensão “controlo”, compreende o acompanhamento parental e a tomada de decisões relacionadas com esse mesmo acompanhamento. O domínio auxiliar “cuidados indiretos” prevê atividades realizadas para a criança, tais como a compra de bens e o agendamento de consultas médicas. O segundo nível auxiliar “responsabilidade de processo”, abrange a tomada de iniciativa do pai nas quatro componentes anteriormente mencionadas.

Nas últimas décadas, a investigação relativa ao envolvimento paterno na interação com a criança tem recebido uma atenção crescente (Davis & Perkins, 1996; Tamis-LeMonda, Shannon, Cabrera, & Lamb, 2004). Decorrente de vários fatores – como mudanças nos papéis de género, e o aumento do número de famílias nas quais ambos os cuidadores se encontram inseridos no mercado de trabalho – tem-se assistido a mudanças nas expetativas sobre o papel

paterno, nomeadamente, sobre a participação do pai nas atividades de prestação de cuidados à criança (e.g. Bailey, 1991; Bailey, 1994). Foi neste âmbito que Monteiro e colaboradores (2008) analisaram, em famílias bi-parentais portuguesas, a partilha de responsabilidade parental no quadro dos diferentes tipos de atividades (Cuidados – Diretos e Indiretos – e Socialização). Entende-se como Cuidados Diretos, as tarefas que implicam interação direta entre a díade pai-criança (e.g. dar banho à criança), e por Cuidados Indiretos, as tarefas que compreendem o planeamento de rotinas relacionadas com a criança, e que não implicam interação direta (e.g. escolher a escola da criança). Por sua vez, as atividades de Socialização compreendem tarefas relacionadas com (a) Ensino/Disciplina (e.g. lidar com o mau comportamento da criança); (b) Brincadeira (e.g. ler histórias à criança); e (c) Lazer no Exterior (e.g. levar a criança ao parque infantil). Verifica-se, nomeadamente, em amostras portuguesas, que a mãe continua a assumir maiores responsabilidades na área dos Cuidados (e.g. Monteiro et al., 2008; Pimenta, Veríssimo, Monteiro, & Pessoa e Costa, 2010), havendo, contudo, nas atividades de Ensino/Disciplina, Brincadeira, e Lazer no Exterior, uma participação partilhada por ambos os cuidadores (e.g. Monteiro, Fernandes, Veríssimo, Pessoa e Costa, Torres, & Vaughn, 2010).

Determinantes do Envolvimento Paterno

Apesar do investimento de alguns autores na análise de variáveis que poderão facilitar ou inibir o envolvimento do pai (e.g. Belsky, 1984; Lamb & Tamis-LeMonda, 2004), a literatura sobre o envolvimento paterno tem-se centrado sobretudo nos resultados associados ao bem-estar e desenvolvimento infantil (Castillo, Welch, & Sarver, 2011).

Belsky (1984) propõe um modelo, considerado dos mais influentes na investigação para a identificação de fatores que poderão moldar o envolvimento do pai com a criança (McBride, Schoppe-Sullivan, & Rane, 2002). Na sua perspetiva, o comportamento paterno é influenciado por três componentes: (a) características do pai (e.g. personalidade; atitude em relação aos cuidados à criança); (b) características da criança (e.g. temperamento; idade); (c) fatores contextuais de *stress* e suporte (e.g. relação marital; rede de suporte social) (Belsky, 1984).

Tendo em conta os diversos modelos propostos na literatura para a identificação e análise dos determinantes do envolvimento paterno (e.g. Belsky, 1984; Doherty, Kouneski, & Erickson, 1998), no presente estudo serão analisadas as características do pai/mãe (idade,

habilitações literárias, número de horas passadas no local de trabalho) e da criança (idade, sexo).

Características do Pai/Mãe

Relativamente às características do pai, a literatura mostra-se contraditória no que diz respeito ao fator idade. Para Castillo e colaboradores (2011), os pais com mais idade tendem a envolver-se mais nos cuidados prestados à criança, no entanto, em outros estudos tem-se verificado que são os pais mais jovens a assumirem maiores responsabilidades (e.g. Coverman, 1985; NICHD Early Child Care Research Network, 2000). Em investigações com amostras portuguesas os resultados vão ao encontro dos mencionados anteriormente. Enquanto Lima (2005) verifica que os pais com mais idade encontram-se mais acessíveis e interagem mais com a criança, Monteiro e colaboradores (2010) indicam que quanto mais elevada a idade do pai, menor a sua participação em atividades relacionadas com os Cuidados Indiretos e Ensino/Disciplina. Por sua vez, Fernandes, Monteiro e Veríssimo (2015) encontram uma associação negativa e significativa entre a idade do pai e o seu envolvimento, ao nível dos Cuidados Diretos e Indiretos, e Ensino/Disciplina. No que diz respeito ao fator idade da mãe, enquanto alguns estudos não encontram relação entre esta variável e o envolvimento paterno (e.g. Pimenta et al., 2010), outros indicam que os pais tendem a envolver-se mais nos cuidados infantis, quando as mães são mais jovens (e.g. NICHD Early Child Care Research Network, 2000).

O nível de habilitações literárias do pai é muitas das vezes mencionado como um indicador da qualidade de tempo de interação entre a díade cuidador-criança (Yeung, Sandberg, Davis-Kean, & Hofferth, 2001; Palkovitz, 2002). Os pais que apresentam um nível de literacia mais elevado tendem a mostrar-se mais preocupados com o desempenho académico da criança, e parecem mais informados sobre as necessidades de desenvolvimento infantil (Bailey, 1994), mostrando-se, sequentemente, mais envolvidos (Yeung et al., 2001). Na investigação desenvolvida por Monteiro e colaboradores (2008), verifica-se que, quanto mais elevado o nível de habilitações literárias do pai, maior a sua participação nas atividades lúdicas (brincadeira/lazer). Por sua vez, Monteiro e colaboradores (2010) verificam que o nível educativo do pai encontra-se positiva e significativamente associado à sua participação, nomeadamente, nas atividades relacionadas com os Cuidados Indiretos à criança. Fernandes e colaboradores (2015) encontram uma associação positiva e significativa entre o nível de habilitações literárias do pai e o seu envolvimento, nas atividades relacionadas com os

Cuidados Diretos e Indiretos, Ensino/Disciplina, Brincadeira e Lazer no Exterior. No que diz respeito ao nível de literacia da mãe, alguns estudos têm encontrado associações entre esta variável e o nível de envolvimento paterno (Cabrera, Fitzgerald, Bradley, & Roggman, 2007). Monteiro e colaboradores (2010) verificam que, quanto mais elevado o nível de habilitações literárias materno, maior a participação do pai nos Cuidados Indiretos, e nas atividades relacionadas com o Lazer no Exterior.

Relativamente ao número total de horas de trabalho do pai, algumas investigações referem que esta variável encontra-se negativa e significativamente associada à quantidade de tempo de interação entre o cuidador e a criança (e.g. Yeung et al., 2001; Lima, 2005; Jacobs & Kelley, 2006). Os pais cujos empregos são caracterizados como exaustivos, tendem a passar uma maior quantidade de horas no local de trabalho e, conseqüentemente, uma menor quantidade de tempo com a criança (Hofferth & Anderson, 2003; Pleck & Masciadrelli, 2004), nomeadamente, nas tarefas relacionadas com os Cuidados Diretos e Indiretos, Ensino/Disciplina, Brincadeira, e Lazer no Exterior (Fernandes et al., 2015). Nas famílias cujas mães se encontram empregadas, um maior número de horas passadas no seu local de trabalho parece conduzir a um maior envolvimento paterno (e.g. Bonney, Kelley, & Levant, 1999; NICHD Early Child Care Research Network, 2000), designadamente, nas tarefas relacionadas com os Cuidados Diretos e Indiretos, Ensino/Disciplina, e Lazer no Exterior (Pimenta et al., 2010; Lewis & Lamb, 2010).

Características da Criança

No que diz respeito às características da criança, verifica-se na literatura que o pai tende a manter-se mais envolvido nas tarefas de cuidados quando os seus filhos/as têm menos idade (Lamb, 1987). Contudo, Bailey (1994) verifica que o envolvimento do pai nas tarefas de cuidados aumenta com a idade da criança (entre os 1 e os 5 anos), enquanto os momentos de brincadeira se mantêm estáveis ao longo do tempo. Numa amostra com famílias bi-parentais portuguesas, Lima (2005) não encontra diferenças significativas para o envolvimento paterno em atividades de socialização, em função da idade da criança. Contudo, Pimenta e colaboradores (2010) verificam que o envolvimento do pai aumenta com a idade dos seus filhos/as (entre os 31 e os 78 meses), designadamente, nas atividades de Brincadeira. Este resultado poderá dever-se ao facto de as crianças em idade pré-escolar assumirem um papel progressivamente mais ativo na regulação das interações (devido à aquisição de novas

competências linguísticas, cognitivas e de socialização), facilitando o envolvimento paterno (Lima, 2005).

No que diz respeito ao sexo da criança, este aspeto parece influenciar o modo como o pai interpreta o comportamento do seu filho/a, assim como a expectativa que apresenta relativamente a ele (Jacobs & Bleeker, 2004). Alguns estudos indicam que o pai encontra-se mais envolvido com as crianças do sexo masculino (e.g. Easterbrooks & Goldberg, 1984; NICHD Early Child Care Research Network, 2000; Yeung et al., 2001), nomeadamente, nas atividades relacionadas com os Cuidados Diretos e Brincadeira (Monteiro et al., 2010), contudo, outros indicam que o pai encontra-se igualmente envolvido com rapazes e raparigas (e.g. Bailey, 1994; Schoppe-Sullivan et al., 2004).

Qualidade do Envolvimento Paterno

Embora um grande corpo de investigação abranja apenas as características quantitativas do envolvimento paterno (ou seja, o tempo de interação direta entre a díade pai-criança), atualmente é consensual que as características qualitativas, como a sensibilidade e a presença de apoio, devem ser igualmente tidas em conta (Lamb & Tamis-LeMonda, 2004; Cabrera et al., 2000).

Como debatido na literatura, especialmente na área da psicologia do desenvolvimento, a resposta adequada, consistente e no *timing* certo, dos cuidadores aos sinais da criança, constitui-se como um dos melhores preditores da qualidade da relação criança/figura parental, nomeadamente, ao nível da vinculação (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978; Cox, Owen, Henderson, & Margand, 1992). Deste modo, apesar da atual ênfase sobre a importância da presença paterna, designadamente, ao nível das características quantitativas do seu envolvimento, alguns estudos têm demonstrado que, em famílias nucleares, a qualidade das interações entre a díade cuidador-criança resulta em maiores benefícios (Pleck & Masciadrelli, 2004). No estudo longitudinal realizado por Brown, Mangelsdorf e Neff (2012), com crianças entre os 13 meses e os 3 anos de idade, os resultados indicam que a interação entre a quantidade de tempo de envolvimento paterno, e a sua qualidade (sensibilidade), resultam em relações de vinculação mais seguras. Contudo, a sensibilidade do pai mostra-se um forte preditor da segurança de vinculação, sustentando a teoria e a investigação realizada neste âmbito. Importa referir que, no caso de a qualidade ser prejudicial (e.g. pai abusivo), um maior envolvimento pode estar associado a resultados negativos no desenvolvimento infantil (Palkovitz, 1997; Cabrera et al., 2000; Fagan & Palm, 2004).

Qualidade do Envolvimento Paterno: Estilos Parentais

O desenvolvimento de relacionamentos emocionais significativos com outras pessoas – principalmente com os cuidadores – constitui-se um dos aspetos centrais para o desenvolvimento infantil (Ainsworth et al., 1978; Bowlby, 1969; ver Bornstein, 2002). Deste modo, um proeminente corpo da literatura tem-se centrado na análise de duas dimensões distintas na interação entre a díade pai/mãe-criança: os estilos parentais e as práticas educativas.

O conceito de estilo parental, significativamente influenciado por Diana Baumrind, é definido na literatura como um conjunto de atitudes para com a criança, que lhes são comunicadas, e que, no seu conjunto, criam um clima emocional. Por sua vez, as práticas parentais incluem as estratégias utilizadas pelos cuidadores, com o propósito de que a criança atinja determinados objetivos (Darling & Steinberg, 1993). Na presente investigação irão ser destacados os primeiros.

Baumrind (1967, 1971) contribuiu para a formulação de um modelo tripartido, que considera a existência de três estilos parentais – o autoritário, o autoritativo e o permissivo – que contribuem para a compreensão da socialização da criança.

No que respeita ao estilo autoritário, Baumrind (1967, 1971) definiu que os cuidadores que adotam este estilo parental tendem a moldar, controlar e a avaliar o comportamento e as atitudes da criança, em conformidade com um padrão de conduta que é considerado, frequentemente, absoluto. Os progenitores valorizam a obediência e as práticas punitivas, na medida que tentam inculcar à criança valores como o respeito à autoridade, ao trabalho, à preservação da ordem e à tradição. Este estilo parental não valoriza a autonomia e a individualidade da criança, e a comunicação é caracterizada por uma baixa responsividade, pois os filhos/as devem aceitar o que lhes é dito pelos progenitores.

Relativamente aos cuidadores que adotam um estilo autoritativo, Baumrind (1967, 1971) definiu que estes tentam orientar as atividades da criança de forma racional, e direcionada ao problema. Os progenitores privilegiam as trocas verbais com os seus filhos/as, e partilham com estes o motivo das suas decisões, solicitando a opinião da criança quando esta se recusa a obedecer. Os cuidadores que adotam este estilo parental, apesar de demonstrarem um controlo firme face às divergências, mostram-se responsivos às necessidades dos seus filhos/as. Neste estilo parental destaca-se o reconhecimento e a estimulação da autonomia e individualidade da criança.

Por último, segundo Baumrind (1967, 1971), o estilo permissivo é caracterizado por um comportamento de aceitação e não oposição aos impulsos, desejos e ações da criança. Os cuidadores apresentam-se para aos seus filhos/as como um recurso a ser utilizado quando estes desejam, e não como agentes ativos capazes de alterarem o comportamento atual ou futuro da criança. Os progenitores que adotam este estilo parental evitam o exercício de controlo, e não incentivam as crianças a obedecerem a padrões definidos.

Tendo em conta a tipologia mencionada, Maccoby e Martin (1983) definiram o comportamento parental com base em duas dimensões: exigência e responsividade, propondo deste modo um modelo bidimensional. A exigência foi definida como a disponibilidade dos cuidadores para atuarem enquanto agentes socializadores da criança, através da monitorização do comportamento, estabelecimento de expectativas de desempenho, supervisão e disciplina. Por sua vez, a responsividade remete para as atitudes de promoção do desenvolvimento da criança, como o reforço contingente, o controlo e a sensibilidade aos sinais e necessidades da criança. Deste modo, os autores distinguiram, à semelhança dos propostos por Baumrind (1967, 1971), o estilo autoritário (caracterizado por um elevado grau de exigência e reduzida responsividade), e o estilo autoritativo (caracterizado por um elevado grau de exigência e de responsividade). Neste modelo, o estilo permissivo defendido por Baumrind (1967, 1971), é substituído por dois padrões distintos de baixa exigência: o estilo indulgente e o estilo negligente. Apesar da baixa exigência, os cuidadores que adotam um estilo indulgente mostram-se responsivos, no entanto, os que adotam um estilo negligente apresentam valores reduzidos nas duas dimensões (Maccoby & Martin, 1983).

Baumrind, como referido anteriormente, contribuiu significativamente para o conhecimento dos estilos parentais, assim como para o debate de como diferentes formas de comportamento parental se associam ao funcionamento des(adaptativo) em diferentes fases do desenvolvimento humano (Baumrind, 1966; Darling & Steinberg, 1993). A literatura tem demonstrado que as crianças expostas a um estilo autoritário tendem a apresentar mais problemas de internalização (e.g. Gershoff, 2002; Ferguson, 2013), maiores dificuldades no relacionamento com pares (e.g. Fabes, Leonard, Kupanoff, & Martin, 2001), e maiores dificuldades ao nível do desempenho académico (e.g. Dornbusch, Ritter, Leiderman, Roberts, & Fraleigh, 1987). As crianças tendem a apresentar valores mais reduzidos na autoestima (e.g. Heaven & Ciarrochi, 2008), e a serem mais dependentes (Baumrind, 1966). Relativamente à adoção do estilo parental autoritativo, várias são as investigações que demonstram a sua relação com resultados benéficos no desenvolvimento infantil (e.g.

Baumrind, 1966; Maccoby & Martin, 1983; ver Cardoso & Veríssimo, 2013). Os filhos de pais que adotam este estilo parental evidenciam melhores resultados a nível académico (e.g. Dornbusch et al., 1987), assim como níveis mais elevados de competência social, autorregulação e ajustamento comportamental (e.g. Grolnick & Ryan, 1989; Lamborn, Mounts, Steinberg, & Dornbusch, 1991). Por sua vez, uma configuração permissiva parece comprometer o desenvolvimento académico das crianças (e.g. Dornbusch et al., 1987). Estas tendem a apresentar baixos níveis de autoestima, valores mais elevados de impulsividade e agressividade (e.g. Baumrind, 1991), e mais comportamentos disruptivos (e.g. Lamborn et al., 1991). Importa referir que, apesar de o estilo parental autoritativo ser considerado o mais adaptativo, fatores externos (e.g. contexto social e cultural), podem determinar os efeitos dos diferentes estilos parentais (e.g. Villalobos, Cruz, & Sánchez, 2004). Nesta linha, Chao (1994) demonstra que em famílias asiáticas cujos cuidadores indicam valores mais elevados no estilo parental autoritário, as crianças apresentam um melhor desempenho académico.

Quando comparadas as perceções que as figuras parentais apresentam acerca dos estilos educativos que empregam, os dados indicam que, enquanto as mães se reconhecem como mais autoritativas, os pais tendem a identificar-se como mais autoritários (e.g. Russell, Aloa, Feder, Glover, Miller, & Palmer, 1998; Winsler, Madigan, & Aquilino, 2005; Pedro, Carapito, & Ribeiro, 2015). Contudo, na investigação desenvolvida por Campos e Cruz (2011), com famílias portuguesas com crianças em idade pré-escolar e escolar, verifica-se que as mães apresentam valores mais elevados no estilo parental autoritativo e autoritário, quando comparados com os dos pais. Nesta linha, algumas investigações indicam que as mães revelam uma maior tendência para serem afetuosas (e.g. Armentrout & Burger, 1972; Simons & Conger, 2007; McKinney & Renk, 2008), promotoras de autonomia, e reguladoras dos comportamentos da criança, em comparação com os cuidadores (Oliva, Parra, Sánchez-Queija, & López, 2007), o que poderá ficar a dever-se às atitudes tradicionais relativas ao trabalho doméstico e ao cuidado infantil (Gaertner, Spinrad, Eisenberg, & Greving, 2007).

No que diz respeito à relação entre o envolvimento paterno e os estilos parentais, Matejevic e colaboradores (2014) indicam que a participação do pai, ao nível das atividades escolares dos seus filhos/as, encontra-se negativa e significativamente associada à adoção do estilo parental autoritário. Na investigação desenvolvida por Arsénio e Santos (2013) com pais de crianças em idade escolar, os resultados indicam que o envolvimento paterno ao nível dos cuidados encontra-se associado à adoção do estilo parental autoritativo, enquanto o envolvimento paterno ao nível da disciplina encontra-se associado à adoção do estilo parental

autoritativo ou autoritário. Este último resultado vai ao encontro do descrito na literatura, uma vez que o estilo parental autoritativo e autoritário têm por base um elevado nível de exigência em relação à criança (Maccoby & Martin, 1983).

Objetivos

Definiram-se como principais objetivos do estudo, analisar em famílias nucleares com crianças em idade pré-escolar:

- (a) O quanto o pai (na perspetiva da mãe) participa nas atividades de Cuidados (Diretos e Indiretos) e de Socialização (Ensino/Disciplina, Brincadeira, e Lazer no Exterior), relacionadas com os filhos/as;
- (b) As associações entre o envolvimento do pai (na perspetiva da mãe) e as variáveis sociodemográficas relativas aos cuidadores e às crianças;
- (c) A relação entre o quanto o pai se encontra envolvido nas dimensões de Cuidados e de Socialização, e os Estilos Parentais.

Com base na literatura revista foram formuladas as seguintes hipóteses:

- (a) Espera-se que o nível de literacia do pai se encontre positiva e significativamente associado à sua participação nas atividades relacionadas com os Cuidados Diretos, Cuidados Indiretos, Ensino/Disciplina, Brincadeira, e Lazer no Exterior;
- (b) Espera-se que o número de horas de trabalho do pai se encontre negativa e significativamente associado à sua participação nas atividades relacionadas com os Cuidados Diretos e Indiretos, Ensino/Disciplina, Brincadeira e Lazer no Exterior;
- (c) Espera-se que o número de horas de trabalho da mãe se encontre positiva e significativamente associado à participação do pai, nomeadamente, nas atividades de Cuidados Diretos, Cuidados Indiretos, Ensino/Disciplina e Lazer no Exterior.

MÉTODO

Participantes

No presente estudo participaram 199 famílias nucleares com crianças em idade pré-escolar, nas quais, em 156 os cuidadores encontravam-se casados, e em 43 encontravam-se a viver em união de facto. Os pais tinham idades compreendidas entre os 25 e os 62 anos ($M=37$; $DP=5.1$), e as mães entre os 23 e os 46 anos ($M=35.1$; $DP=4.4$). As habilitações literárias dos pais variavam entre os 4 e os 21 anos de escolaridade ($M=12.7$; $DP=3.8$), e as das mães entre os 6 e os 23 anos de escolaridade ($M=14.2$; $DP=3.5$). Todos os pais que participaram no presente estudo trabalhavam a tempo inteiro (em média, 41.7 horas por semana ($DP=7.4$)). Relativamente à situação profissional das mães, 167 encontravam-se a trabalhar a tempo inteiro (em média, 38.6 horas por semana ($DP=4$)), 7 encontravam-se a trabalhar a tempo parcial (em média, 25 horas por semana ($DP=6.3$)), sendo que, as restantes, encontravam-se desempregadas. As crianças (95 do sexo masculino e 104 do sexo feminino) tinham idades compreendidas entre os 26 e os 77 meses ($M=54.3$; $DP=11.8$). Todos os participantes foram recrutados através de Creches e Jardins-de-Infância frequentadas pelas crianças, de Ensino Público, Ensino Privado, e de Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS), sendo esta uma amostra de conveniência. As famílias são oriundas do distrito de Lisboa, Setúbal, Leiria e Santarém.

Instrumentos

Ficha de Identificação

A Ficha de Identificação (Veríssimo, n.d.) visa analisar os dados sociodemográficos relativos aos pais (e.g. estado civil, idade, habilitações literárias), e à criança (e.g. sexo, idade).

Envolvimento Paterno

O envolvimento paterno foi analisado com recurso à Escala de Envolvimento Parental: Participação em Atividades de Cuidados e de Socialização (Monteiro, Veríssimo, Pessoa e Costa, & Pimenta, 2008), que permite analisar a perceção que o pai (ou a mãe) tem acerca da participação da(o) parceira(o) na organização e realização de diferentes atividades relacionadas com a criança, em contexto familiar. É constituída por 26 itens, organizados em 5 dimensões: (a) Cuidados Diretos, composta por 5 itens, relacionados com as tarefas de

cuidados que implicam a interação direta com a criança (e.g. “Quem dá banho ao seu filho?”); (b) Cuidados Indiretos, composta por 7 itens, relacionados com a organização/planeamento das necessidades e rotinas da criança, que não implicam a interação direta com a mesma (e.g. “Quem escolheu a escola que o seu filho frequenta?”); (c) Ensino/Disciplina, formada por 5 itens, que remetem para o ensino de competências e para o estabelecimento e cumprimento de regras (e.g. “Quem faz cumprir as regras?”); (d) Brincadeira, constituída por 5 itens, relacionados com as diferentes brincadeiras realizadas com a criança, como a mais tranquila, a mais física, e atividades lúdicas (e.g. “Quem é que faz jogos de mesa com o seu filho, ex. jogar cartas, puzzles, jogos de encaixe, etc.?”); (e) Lazer no Exterior, formada por 4 itens, que remetem para as atividades realizadas com a criança fora da habitação familiar (e.g. “Quem vai passear com o seu filho, ex. ao Jardim Zoológico?”). Os itens são respondidos numa escala de 5 pontos que varia entre: (1) Sempre a mãe; (3) Tanto a mãe como o pai; (5) Sempre o pai. Esta é, assim, uma medida de participação relativa de envolvimento, quanto mais elevados os valores, maior a participação do pai.

Na presente investigação, os alfas de Cronbach alcançaram valores aceitáveis sobre as cinco dimensões, nas quais a informação foi descrita apenas pela mãe: Cuidados Diretos .72; Cuidados Indiretos .71; Ensino/Disciplina .69; Brincadeira .66; Lazer no Exterior .67. Estes valores são aceitáveis, e próximos dos indicados noutros estudos (e.g. Torres, Veríssimo, Monteiro, Santos, & Pessoa e Costa, 2013).

Estilos Parentais

Os Estilos Parentais foram analisados com recurso ao instrumento *Parenting Styles and Dimensions Questionnaire* (Robinson, Mandleco, Olsen, & Hart, 2001; adaptado por Pedro, Carapito, & Ribeiro, 2015), que permite analisar a perceção que o pai (ou a mãe) tem acerca das suas práticas e estilo parental, bem como as da(o) parceira(o) (não analisada neste estudo). É constituído por 32 itens, organizados nas três dimensões propostas por Baumrind (1967, 1971): (a) Estilo Autoritário (12 itens); Estilo Autoritativo (15 itens); Estilo Permissivo (5 itens).

(a) Estilo Autoritário, compreende as subescalas Coerção Física, Hostilidade Verbal e Punição (e.g. “Castigo fisicamente o meu filho para o disciplinar”; Subescala Coerção Física), enquanto o (b) Estilo Autoritativo, inclui as subescalas Ligação, Regulação e Autonomia (e.g. “Sou sensível às necessidades e sentimentos do meu filho”; Subescala Ligação). Os resultados das diferentes subescalas podem ser somados, de modo a constituírem um resultado total de

Estilo Parental Autoritário e de Estilo Parental Autoritativo. Por último, a dimensão (c) Estilo Permissivo, não compreende subescalas (e.g. “Cedo quando o meu filho faz birra”), sendo o número total de itens somados, de forma a comporem um resultado total de Estilo Parental Permissivo. Os itens relativos às diferentes dimensões são respondidos numa escala de 5 pontos que varia entre: (0) Nunca e (5) Sempre. Os resultados elevados em cada uma das escalas indicam uma maior frequência de práticas parentais associadas a um Estilo Parental Autoritário, Autoritativo ou Permissivo.

Na presente investigação, os alfas de Cronbach obtiveram os seguintes valores: Estilo Autoritário .71; Estilo Autoritativo .79; Estilo Permissivo .50. Estes valores apresentam-se inferiores aos reportados por Pedro e colaboradores (2015), cuja investigação revelou alfas de Cronbach a variar entre .63 e .86. A dimensão Estilo Permissivo, à semelhança do instrumento original, é a que apresenta o nível mais reduzido de consistência interna. Dado o valor relativo a essa dimensão se encontrar abaixo dos valores aceitáveis, no presente estudo esta não será utilizada nas análises realizadas.

Procedimento

O presente estudo insere-se num projeto de investigação mais amplo, intitulado *Dad's involvement: is it just “cool and trendy” or does it really matter?*, que visa analisar o papel do pai no contexto familiar, e o seu impacto no desenvolvimento social das crianças (P.I. Lígia Monteiro). Este foi submetido à Comissão de Ética do ISCTE-IUL, tendo-se destacado o cumprimento das boas práticas de conduta em investigação.

O projeto foi inicialmente apresentado aos equipamentos de infância (Direção e Educadoras de Infância), tendo sido explicado o seu objetivo, assim como os procedimentos necessários à sua realização (ver anexo A). Numa segunda fase foram enviadas pelas Educadoras, através das crianças, a carta de apresentação do projeto e os respetivos consentimentos informados às famílias (ver anexo B). Apenas aquelas que autorizaram a participação no estudo foram incluídas. De modo a serem controlados efeitos de ordem, foram inicialmente entregues, a cerca de metade da amostra, os questionários às mães (Ficha de Identificação, Escala de Envolvimento Parental; ver anexo C), e a outra metade, o questionário aos pais (*Parenting Styles and Dimensions Questionnaire – Versão Portuguesa de Autorrelato*). Apenas quando os questionários de um dos cuidadores era devolvido (num envelope selado), era entregue o outro. A devolução dos questionários nesta condição salvaguardou a confidencialidade da informação descrita pelos participantes.

RESULTADOS

Os resultados referentes ao teste Shapiro-Wilk indicam que as variáveis não se apresentam normalmente distribuídas (Cuidados Diretos ($SW=.96, p=.00$); Cuidados Indiretos ($SW=.97, p=.00$); Ensino/Disciplina ($SW=.90, p=.00$); Brincadeira ($SW=.96, p=.00$); Lazer no Exterior ($SW=.92, p=.00$); Estilo Parental Autoritário ($SW=.95, p=.00$); Estilo Parental Autoritativo ($SW=.96, p=.00$). Deste modo, os dados foram analisados recorrendo-se a testes não paramétricos (Laureano, 2010).

Envolvimento Paterno

Sendo a medida de envolvimento paterno uma medida relativa, o envolvimento do pai é a porção de envolvimento que não é atribuída à mãe. Deste modo, os valores mais elevados representam uma maior participação do cuidador nas determinadas atividades, indicando o 3 uma partilha igualitária das tarefas entre o pai e a mãe. As Médias e os Desvios Padrão são apresentados no Quadro 1.1.

Quadro 1.1.

Médias e Desvios Padrão do Envolvimento Paterno nas 5 Dimensões

| | M | DP |
|--------------------|------|-----|
| Cuidados Diretos | 2.35 | .57 |
| Cuidados Indiretos | 2.33 | .48 |
| Ensino/Disciplina | 2.77 | .37 |
| Brincadeira | 2.97 | .43 |
| Lazer no Exterior | 2.78 | .47 |

Uma análise descritiva indica que as tarefas de Cuidados Diretos e Indiretos são, na maioria das vezes, realizadas pela mãe, enquanto as atividades relacionadas com a Socialização da criança (Ensino/Disciplina, Brincadeira e Lazer no Exterior) são, tendencialmente, partilhadas de modo igualitário por ambas as figuras parentais.

Determinantes do Envolvimento Paterno

Foram analisadas as associações entre as variáveis sociodemográficas relativas aos cuidadores e às crianças, e a participação do pai nas cinco dimensões consideradas. Os resultados são reportados no Quadro 1.2.

Quadro 1.2.

Correlações de Spearman (r_s) entre as Variáveis Sociodemográficas e o Envolvimento

Paterno

| Sociodemográficos | Envolvimento Paterno | | | | |
|------------------------|----------------------|--------------------|--------------------|-------------|-------------------|
| | Cuidados Diretos | Cuidados Indiretos | Ensino/ Disciplina | Brincadeira | Lazer no Exterior |
| Idade Pai | -.02 | .00 | -.16* | -.13 | -.05 |
| Idade Mãe | .03 | .11 | -.04 | -.08 | .02 |
| Hab. Literárias Pai | .20** | .19** | .14* | .08 | .17* |
| Hab. Literárias Mãe | .21** | .23** | .11 | .10 | .22** |
| N.º Horas Trabalho Pai | -.19** | -.18* | -.25** | -.16* | -.17* |
| N.º Horas Trabalho Mãe | -.09 | -.13 | .03 | -.15* | -.04 |
| Idade Criança | -.08 | .01 | -.11 | .01 | -.04 |

Nota: * $p < .05$, ** $p < .01$

Quanto mais elevada a Idade do pai, menor a sua participação nas atividades relacionadas com o Ensino/Disciplina. Relativamente às Habilitações Literárias, verifica-se que, quanto maior o nível de literacia do pai, maior o seu envolvimento nas tarefas de Cuidados Diretos e Indiretos, Ensino/Disciplina e Lazer no Exterior; e quanto mais elevadas as Habilitações Literárias maternas, maior a participação do pai ao nível dos Cuidados Diretos e Indiretos, e Lazer no Exterior. Como se pode, ainda, observar, quanto mais alargado o horário semanal, no qual o pai se encontra no seu local de trabalho, menor o seu envolvimento nas cinco dimensões analisadas. Por sua vez, quanto maior o número de horas de trabalho semanal materno, menor a participação do pai nas atividades de Brincadeira.

O teste Mann-Whitney indica que a participação do pai nas tarefas de: Cuidados Diretos não difere para crianças do sexo masculino ($Mdn=2.4$) e feminino ($Mdn=2.4$), $U=4\ 779$, $p=.96$; Cuidados Indiretos não difere para crianças do sexo masculino ($Mdn=2.4$) e feminino ($Mdn=2.4$), $U=4\ 758$, $p=.92$; Ensino/Disciplina não difere para crianças do sexo masculino ($Mdn=2.8$) e feminino ($Mdn=2.8$), $U=4\ 503$, $p=.44$; Brincadeira não difere para crianças do sexo masculino ($Mdn=3$) e feminino ($Mdn=3$), $U=4\ 330$, $p=.23$; Lazer no Exterior não difere para crianças do sexo masculino ($Mdn=2.8$) e feminino ($Mdn=3$), $U=4\ 267$, $p=.17$.

Estilos Parentais reportados pelo pai

Foram analisadas as Médias e os Desvios Padrão relativos às dimensões do estilo parental. Os resultados são apresentados no Quadro 1.3.

Quadro 1.3.

Médias e Desvios Padrão dos Estilos Parentais reportados pelo pai

| | M | DP |
|------------------------------|------|-----|
| Estilo Parental Autoritativo | 3.73 | .48 |
| Estilo Parental Autoritário | 1.69 | .38 |

Os pais tendem a apresentar um Estilo Parental mais Autoritativo (escala de resposta varia entre (0) nunca e (5) sempre).

Seguidamente, foram analisadas as associações entre as variáveis sociodemográficas dos cuidadores e das crianças, e os estilos parentais reportados pelo pai. Os resultados são apresentados no Quadro 1.4.

Quadro 1.4.

Correlações de Spearman (r_s) entre as Variáveis Sociodemográficas e os Estilos Parentais reportados pelo pai

| Sociodemográficos | Estilos Parentais | |
|------------------------|-------------------|-------------|
| | Autoritativo | Autoritário |
| Idade Pai | .04 | .03 |
| Idade Mãe | .10 | .05 |
| Hab. Literárias Pai | .10 | -.03 |
| Hab. Literárias Mãe | .15* | -.07 |
| N.º Horas Trabalho Pai | -.05 | -.06 |
| N.º Horas Trabalho Mãe | -.14 | -.04 |
| Idade Criança | .16* | -.06 |

Nota: * $p < .05$

As Habilitações Literárias maternas e a Idade da criança encontram-se positiva e significativamente associadas com o Estilo Parental Autoritativo, reportado pelo pai.

Recorrendo ao teste Mann-Whitney, verifica-se que o Estilo Autoritativo reportado pelo pai não difere para crianças do sexo masculino ($Mdn=3.8$) e feminino ($Mdn=3.9$), $U=4\ 505$, $p=.28$; assim como o Estilo Autoritário reportado pelo pai não difere para crianças do sexo masculino ($Mdn=1.7$) e feminino ($Mdn=1.6$), $U=4\ 554$, $p=.34$.

Envolvimento Paterno e Estilos Parentais, reportados pelo pai

Por último, foram analisadas as associações entre o envolvimento paterno nas cinco dimensões consideradas, e os estilos parentais. Os resultados são reportados no Quadro 1.5.

Quadro 1.5.

Correlações de Spearman (r_s) entre o Envolvimento Paterno nas 5 dimensões e os Estilos Parentais reportados pelo pai

| Envolvimento Paterno | Estilos Parentais | |
|----------------------|-------------------|-------------|
| | Autoritativo | Autoritário |
| Cuidados Diretos | .12 | .00 |
| Cuidados Indiretos | .19** | -.12 |
| Ensino/Disciplina | .13 | -.12 |
| Brincadeira | .06 | -.09 |
| Lazer no Exterior | .17* | -.06 |

*Nota: *p<.05, **p<.01*

Quanto maior o envolvimento do pai nas tarefas de Cuidados Indiretos e Lazer no Exterior, mais elevados os níveis de Estilo Parental Autoritativo, indicados pelo cuidador.

DISCUSSÃO

Decorrente de profundas mudanças culturais, sociodemográficas e económicas, tem-se assistido a uma mudança na estrutura tradicional familiar, assim como, nas expectativas sobre os papéis a desempenhar pelas figuras parentais (Cabrera et al., 1999; Torres, 2004). A aproximação do papel paterno e materno no que diz respeito ao envolvimento nos cuidados diários à criança, e ao tipo/qualidade das interações com a mesma, tem conduzido a um novo ideal de “partilha parental” (Cabrera et al., 1999; Cabrera et al., 2000; Monteiro, Veríssimo, Castro, & Oliveira, 2006).

Neste sentido, o primeiro objetivo do estudo visou analisar (na perspetiva da mãe) a participação do pai em diferentes tipos de atividades relacionadas com a criança. Constatou-se que é a mãe que participa, mais frequentemente, nas áreas dos Cuidados – tanto Diretos, como Indiretos – indo ao encontro de resultados de estudos anteriores (e.g. McBride & Mills, 1993; Bailey, 1994; Deutsch, 2001; Lewis & Lamb, 2003), nomeadamente, portugueses com crianças em idade pré-escolar (e.g. Monteiro et al., 2006; Monteiro et al., 2008; Pimenta et al., 2010). Por outro lado, nas atividades de Socialização, verificou-se uma participação tendencialmente igualitária, em particular na Brincadeira, o que é igualmente concordante com estudos já realizados (e.g. Bailey, 1994; Pleck & Masciadrelli, 2004; Lima, 2005; Monteiro et al., 2006; Monteiro et al., 2008; Pimenta et al., 2010). Apesar de, atualmente, o pai se mostrar mais presente e envolvido face a gerações anteriores (Lamb & Tamis-LeMonda, 2004; Lamb, 2010), os dados obtidos vão no sentido de existir, ainda, uma partilha de responsabilidades em função do género, designadamente, na área dos cuidados (Barker & Pawlak, 2011). Este, apesar de se caracterizar por um processo de mudança lento, é contínuo, particularmente em famílias nas quais ambos os cuidadores se encontram inseridos no mercado de trabalho (Lamb & Tamis-LeMonda, 2004; Pleck & Masciadrelli, 2004; NICHD Early Child Care Research Network, 2000). Alguns autores consideram que o facto de a mãe trabalhar fora de casa e, como tal, passar menos tempo com a criança, resulta num maior envolvimento paterno (Bailey, 1994; Cabrera et al., 2000; Lamb & Tamis-LeMonda, 2004).

Partindo da análise às características sociodemográficas da família, verificou-se que os pais com mais idade tendem a demonstrar uma menor participação, nomeadamente, ao nível das tarefas de Ensino/Disciplina. Na idade pré-escolar, a brincadeira e o lúdico são atividades centrais, que, contudo, conduzem a uma maior regulação dos comportamentos da criança (tarefa caracterizada como importante, porém, progressivamente mais complexa para os

cuidadores) (Monteiro et al., 2010), pelo que, pais com mais idade poderão revelar uma menor energia para os novos desafios que são colocados nesta fase (NICHD Early Child Care Research Network, 2000). Relativamente à idade da mãe, não se verificaram associações entre esta variável e a participação do pai (e.g. Pimenta et al., 2010; Monteiro et al., 2010).

No que diz respeito às habilitações literárias paternas, constatou-se que o nível de participação do cuidador aumenta consoante o seu grau de escolaridade, nomeadamente, nas tarefas de Cuidados (Diretos e Indiretos), Ensino/Disciplina e Lazer no Exterior. Este resultado mostra-se congruente, apenas que parcialmente, com o estudo realizado por Monteiro e colaboradores (2010), onde apenas se obteve uma associação positiva e significativa entre a escolaridade e o envolvimento do pai, nas tarefas de Cuidados Indiretos. Por outro lado, Fernandes e colaboradores (2015) verificaram que as habilitações literárias do pai se encontravam positiva e significativamente associadas à sua participação, quer nos Cuidados, quer na Socialização. Pais com um nível educativo superior possuem mais recursos psicológicos, competências sociais e informações sobre as necessidades de desenvolvimento infantil, que lhes permite um maior envolvimento (Bailey, 1994; Coley & Lansdale, 1999). Por outro lado, estes pais poderão construir conceções menos tradicionais acerca dos papéis de género, uma vez que são expostos a ideais mais igualitários e identificam mais eficazmente mitos e estereótipos de género, assumindo maiores responsabilidades e participando nos cuidados infantis (Jacobs & Kelley, 2006; Marks, Bun, & McHale, 2009). O resultado do presente estudo corrobora, ainda que parcialmente, a hipótese colocada, na qual se esperava que os cuidadores com maiores habilitações literárias estivessem mais envolvidos nas cinco dimensões analisadas. Relativamente às habilitações literárias maternas, constatou-se que o nível de participação paterna nas atividades de Cuidados (Diretos e Indiretos), e Lazer no Exterior, tende a aumentar com o nível de literacia da mãe. Monteiro e colaboradores (2010) verificaram que as habilitações literárias da mãe se encontravam positivamente associadas com a participação do pai, nas tarefas de Cuidados Indiretos e Lazer no Exterior. É assim possível, que mães com habilitações literárias mais elevadas se encontrem mais investidas na sua carreira profissional e, deste modo, facilitem e desejem uma maior participação paterna (Monteiro et al., 2006).

Tal como seria expectável, quanto mais horas, por semana, o pai trabalha, menor a sua participação e envolvimento nas cinco dimensões analisadas (e.g. Pleck & Masciadrelli, 2004; Lima, 2005; Jacobs & Kelley, 2006; Fernandes et al., 2015), corroborando assim a hipótese apresentada. Vários estudos encontram uma associação positiva e significativa entre o horário

laboral da mãe e o envolvimento paterno (e.g. Bonney et al., 1999; NICHD Early Child Care Research Network, 2000; McBride et al., 2002; Pimenta et al., 2010), contudo, na presente amostra apenas se verificou que, quanto mais alargado o horário laboral materno, menor a participação do pai ao nível das atividades de Brincadeira, não corroborando a hipótese formulada. Este resultado poderá indiciar que, apesar de a mãe assumir maiores responsabilidades na esfera profissional, continua a assumir um papel central nos cuidados à criança (Lamb & Tamis-LeMonda, 2004).

Relativamente à idade da criança não foram encontradas associações com a participação paterna, o que vai de encontro aos resultados de estudos com amostras portuguesas (e.g. Lima, 2005; Monteiro et al., 2010), ou diferenças em função do sexo da criança (e.g. Bailey, 1994; Lytton & Romey, 1991 cit. por Silverstein & Auerbach, 1999; Schoppe-Sullivan et al., 2004; Monteiro et al., 2006).

Apesar do “novo ideal de pai” mais participativo e envolvido nos cuidados à criança (Schoppe-Sullivan et al., 2004), alguns autores têm defendido a necessidade de uma abordagem mais ampla (Hawkins & Palkovitz, 1999; Schoppe-Sullivan et al., 2004), considerando não só o quanto e em que dimensões o cuidador se envolve com a criança mas, também, os aspetos qualitativos desse envolvimento (ver Pleck, 2010a). Deste modo, analisou-se a relação entre a participação do pai, nas atividades de Cuidados e de Socialização, e os seus estilos parentais, considerados como uma medida de qualidade.

Verificou-se que o pai percebe-se como tendo, essencialmente, um estilo parental mais autoritativo, contrariamente a outras investigações (e.g. Russell et al., 1998; Winsler et al., 2005) que indicam que o pai tende a apresentar um padrão de comportamento mais consistente com o estilo parental autoritário. Os dados por nós obtidos poderão indiciar que, atualmente, o pai se mostra mais afetuoso e próximo dos seus filhos/as (Gaertner et al., 2007). Ao contrário de tentar inculcar valores como o respeito à autoridade, à preservação da ordem e à tradição, tarefa anteriormente lhe atribuída (Lamb & Tamis-LeMonda, 2004), atualmente, mostra-se mais responsivo face às necessidades de desenvolvimento infantil (e.g. Lamb, 2010; Lamb & Lewis, 2010).

Constatou-se que as habilitações literárias da mãe encontram-se positiva e significativamente associadas com um estilo parental autoritativo do pai. Este resultado vai ao encontro de algumas investigações realizadas neste âmbito (e.g. Benson & Haith, 2009) que indicam que mães com níveis educativos mais elevados tendem a apresentar uma parentalidade de maior suporte para com o parceiro, e centrada na criança, favorecendo um

padrão de comportamento paterno mais consistente com o estilo parental autoritativo. Verificou-se, ainda, que a idade da criança encontra-se positiva e significativamente associada com o estilo parental autoritativo. Os dados obtidos no presente estudo poderão indiciar que uma menor atividade, exploração e impulsividade, e uma maior compreensão de perigo, apresentadas pelas crianças mais velhas, poderão favorecer a adoção de um estilo parental considerado mais positivo ao desenvolvimento infantil (Durrant, 2005).

No que diz respeito à relação entre as dimensões do envolvimento paterno e os estilos parentais, verificou-se que o envolvimento do pai nas atividades de Cuidados Indiretos e Lazer no Exterior se encontra associado a um estilo parental mais autoritativo. Como referido anteriormente, a dimensão Cuidados Indiretos, remete para a organização das necessidades e rotinas da criança (não implicando interação direta com a mesma), e a dimensão Lazer no Exterior remete para as atividades realizadas com a criança no exterior da habitação familiar (Monteiro et al., 2008). Os cuidadores que adotam um estilo parental autoritativo mostram-se responsivos às necessidades dos seus filhos/as e, mesmo implicados em tarefas de Cuidados Indiretos, mostram-se flexíveis e têm em consideração a opinião da criança (e.g. escolha de roupa) (Baumrind, 1967; Maccoby, 1992).

Em estudos futuros seria importante considerar não só a perceção da mãe mas, também, a do pai, relativa ao envolvimento paterno, integrando aspetos qualitativos e quantitativos (Saracho & Spodek, 2008). Seria, igualmente, importante analisar outros fatores explicativos da variabilidade do envolvimento do pai, como, por exemplo, as crenças da mãe acerca do seu papel e do pai (e.g. Lima, 2005; Schoppe-Sullivan, Brown, Cannon, Mangelsdorf, & Sokolowski, 2008; Monteiro et al., 2010).

Seria, ainda, interessante explorar a relação entre o envolvimento, os estilos parentais e o trabalho do pai, dado que Fernandes e colaboradores (2015) verificaram, por exemplo, que o número de horas de trabalho paterno modera a relação entre o estilo parental autoritativo e o envolvimento do pai.

Importa, ainda, salientar a existência de um reduzido número de investigações que compreendem a relação entre o envolvimento paterno e a qualidade da relação entre a díade pai-criança (Cabrera et al., 1999; Pleck & Masciadrelli, 2004). Apesar de o presente estudo constituir-se um contributo por contemplar uma medida de carácter qualitativo, torna-se importante introduzir, também, a metodologia de observação, analisando comportamentos de sensibilidade e cooperação do pai (Monteiro et al., 2010), e deste modo, poder melhor compreender o seu contributo para o desenvolvimento da criança.

ESTUDO 2

*ENVOLVIMENTO PATERNO: ASSOCIAÇÕES ENTRE AS SUAS DIMENSÕES E A
QUALIDADE DA RELAÇÃO COPARENTAL, EM FAMÍLIAS NUCLEARES COM
CRIANÇAS EM IDADE PRÉ-ESCOLAR*

ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL

Coparentalidade

O conceito de coparentalidade emergiu associado ao estudo das relações familiares após o divórcio, focado nas questões da triangulação da criança em conflitos interparentais contínuos, na coordenação de políticas e práticas educativas integradas na família, e, sequentemente, na sua influência sobre o ajustamento infantil (e.g. Durst, Wedemeyer, & Zurcher, 1985; Howe, Bishop, Armstrong, & Fein, 1984; McConnell & Kerig, 2002). Este quadro conceitual, foi posteriormente estudado em famílias nucleares (e.g. Belsky, Crnic, & Gable, 1995; McHale, 1995), assumindo um estatuto universal e independente da configuração estrutural da família (Feinberg, 2003; Egeren & Hawkins, 2004).

Neste sentido, a coparentalidade é definida pelo envolvimento conjunto e recíproco de ambas as figuras parentais na educação infantil (McConnell & Kerig, 2002; Feinberg, 2003), cuja relação não inclui aspetos emocionais, financeiros e jurídicos, que não se relacionam com a educação da criança (Feinberg, 2003). De modo a clarificar o conceito, Egeren e Hawkins (2004) referem que a relação coparental ocorre quando dois adultos, por mútuo acordo ou pelas normas sociais, se responsabilizam pelo bem-estar e desenvolvimento de uma criança. Para os autores, esta definição permite que o conceito se aplique independentemente da condição civil e/ou orientação sexual das figuras parentais, não se cingindo, igualmente, a pais biológicos.

As relações coparental e conjugal, apesar de significativamente associadas (e.g. Egeren, 2004; Bonds & Gondoli, 2007) devem ser entendidas como conceitualmente distintas (Feinberg, 2003). Esta distinção tem sido sustentada por vários estudos, que indicam que a coparentalidade opera como um importante preditor da qualidade da relação pai/mãe-criança (e.g. Bonds & Gondoli, 2007; Elliston, McHale, Talbot, Parmley, & Kuersten-Hogan, 2008), e de vários aspetos do ajustamento infantil (e.g. Belsky, Putnam, & Crnic, 1996; Schoppe-Sullivan, Mangelsdorf, & Frosch, 2001), comparativamente com a qualidade conjugal (e.g. Bonds & Gondoli, 2007; McHale, Fivaz-Depeursinge, Dickstein, Robertson, & Daley, 2008).

Devido à importância que a coparentalidade tem vindo a assumir, quer na compreensão do funcionamento familiar, quer na compreensão do desenvolvimento infantil (Feinberg, 2002; Feinberg, Brown, & Kan, 2012), nos últimos anos, alguns investigadores (e.g. Margolin, Gordis, & John, 2001; Feinberg, 2003) têm apresentado propostas teóricas, a fim de contribuir para uma melhor conceitualização e operacionalização do constructo.

Parte da terminologia científica que enquadra os atuais modelos das relações coparentais advém da teoria estrutural dos sistemas familiares, proposta por Minuchin (1974 cit. por Kuersten-Hogan, 2007; Altenburger, Schoppe-Sullivan, Lang, Bower, & Dush, 2014). Esta sugere que os padrões de funcionamento do indivíduo encontram-se significativamente associados às características das suas redes relacionais. Nesta linha, a dinâmica processual e estrutural da família, principal rede relacional dos indivíduos, permite compreender os níveis de ajustamento dos seus membros (Minuchin, 1974 cit. por Kuersten-Hogan, 2007; Lamela, Costa, & Figueiredo, 2010). Apesar de na sua proposta, Minuchin nunca ter referenciado o termo coparentalidade, este surge-lhe inerente (e.g. Jia & Schoppe-Sullivan, 2011). O sistema familiar, que compreende um conjunto de subsistemas interdependentes entre si, é composto pelo subsistema executivo. Este, formado pelas figuras parentais, é produto do envolvimento dos cuidadores na educação da criança, sendo a definição que mais se aproxima do conceito contemporâneo de coparentalidade (Minuchin, 1974 cit. por Kuersten-Hogan, 2007; Lamela et al., 2010).

Embora esta proposta teórica se apresente relevante no estudo e compreensão das transações dentro da família (e.g. Buckley & Schoppe-Sullivan, 2010), alguns autores têm apresentado novos modelos, que incidem na compreensão dos fatores que sustentam a qualidade da relação coparental. Margolin, Gordis e John (2001), propõem que a coparentalidade compreende três dimensões: (a) conflito (caracterizada pela quantidade, frequência e severidade dos desentendimentos entre as figuras parentais sobre questões relacionadas com a parentalidade); (b) cooperação (inclui a valorização, suporte e respeito mútuo entre os cuidadores no exercício dos seus papéis parentais); e (c) triangulação (caracterizada pela existência de uma coligação intergeracional entre um dos cuidadores e a criança, que conduz à exclusão ou enfraquecimento da restante figura parental). Os autores acrescentam que a relação coparental poderá ser caracterizada como um processo explícito, no qual a coparentalidade ocorre na presença de ambos os cuidadores e da criança; e como um processo implícito, no qual a coparentalidade ocorre aquando da presença de apenas um dos cuidadores e da criança (Margolin, et al., 2011). Por sua vez, Egeren e Hawkins (2004) propõem um modelo composto por quatro dimensões: (a) coparentalidade solidária (engloba a componente afetiva da relação coparental, evidenciada por expressões de afeto positivo entre as figuras parentais no decorrer da interação com a criança; maior proximidade entre os cuidadores em resultado de questões relacionadas com a parentalidade; esforços por parte de ambas as figuras parentais, no sentido de promoverem uma melhor qualidade da relação

coparental); (b) suporte coparental (compreende os comportamentos e estratégias utilizadas por ambos os cuidadores, no alcance conjunto de determinado objetivo parental); (c) enfraquecimento coparental (engloba comportamentos e estratégias que impedem que um dos cuidadores cumpra determinado objetivo parental); (d) partilha parental (compreende a divisão de tarefas relativas ao cuidado infantil, por ambos os cuidadores).

Baseado em propostas teóricas e em investigações empíricas anteriores, Feinberg (2003; Feinberg et al., 2012) desenvolve uma estrutura concetual de coparentalidade, que inclui cinco domínios que se sobrepõem: acordo na educação da criança; suporte/enfraquecimento coparental; divisão de tarefas; gestão das dinâmicas familiares; e proximidade baseada na parentalidade. O primeiro, acordo na educação da criança, compreende o grau de entendimento entre as figuras parentais em aspetos relacionados com a criança (e.g. princípios morais, disciplina, formas de prestação de cuidados, decisões sobre as necessidades emocionais da criança). Este domínio conduz a resultados negativos no funcionamento familiar, no momento a partir do qual os cuidadores apresentam críticas e hostilidade mútua, e dificuldade em formar estratégias educativas coordenadas (e.g. Grych & Fincham, 1993). O segundo domínio, designado por suporte/enfraquecimento coparental, inclui a qualidade e grau de suporte mútuo existente entre as figuras parentais, manifesto, por um lado, através de expressões de afeto positivo, suporte e respeito perante os contributos do parceiro/a, e, por outro, manifesto por padrões de hostilidade, crítica, e afeto negativo perante o parceiro/a. O terceiro, divisão de tarefas, compreende a partilha de atividades referentes ao cuidado infantil, tarefas domésticas e responsabilidades financeiras, médicas e legais, relacionadas com a criança. O quarto domínio, designado por gestão das dinâmicas familiares, surge como uma importante responsabilidade do subsistema executivo, que compreende a gestão, pontuação e modelação das interações familiares. Um dos aspetos fundamentais desta responsabilidade relaciona-se com o grau de exposição da criança aos conflitos interparentais. Por fim, o quinto domínio, acrescentado por Feinberg, Brown e Kan (2012), designado por proximidade baseada na parentalidade, relaciona-se com a partilha por ambas as figuras parentais de acontecimentos característicos da parentalidade.

O modelo proposto por Feinberg (2003; Feinberg et al., 2012), para além de se focar na identificação das dimensões do constructo, propõe uma integração da relação coparental no contexto ecológico. De acordo com o mesmo, a coparentalidade é influenciada pelas características individuais das figuras parentais (e.g. saúde mental; expectativas acerca dos papéis de género); por fatores familiares (e.g. repertório comportamental dos cuidadores

enquanto cônjuges, em famílias nucleares); e pelo ambiente extrafamiliar (e.g. crise económica; suporte social) (Feinberg, 2003).

Devido ao facto de o modelo proposto por Feinberg (2003; Feinberg et al., 2012) surgir como um ponto de referência no estudo da coparentalidade (e.g. Lamela et al., 2010; Schoppe-Sullivan & Mangelsdorf, 2013), o mesmo será considerado na presente investigação.

Aspetos associados com a Qualidade da Relação de Coparentalidade

Nas últimas décadas, alguns autores (e.g. Belsky et al., 1995; Feinberg, 2003; Altenburger et al., 2013; Schoppe-Sullivan & Mangelsdorf, 2013) têm investido na análise de variáveis que poderão potenciar ou fragilizar a qualidade da relação de coparentalidade. No que diz respeito às características das figuras parentais, nomeadamente, à sua idade, Lindsey, Caldera e Colwell (2005 cit. por Dush, Kotila, & Schoppe-Sullivan, 2011) verificam que esta se encontra significativamente associada a comportamentos de suporte entre a díade coparental.

Apesar de o nível educativo das figuras parentais se apresentar consistentemente associado com a qualidade da sua parentalidade (Richman, Miller, & LeVine, 1992; Palkovitz, 2002), o que poderá dever-se ao conhecimento sobre as necessidades de desenvolvimento infantil que os cuidadores com maiores níveis de literacia apresentam (e.g. Bailey, 1994), alguns estudos não encontram associações entre esta variável e a qualidade da relação coparental (e.g. Gable, Belsky, & Crnic, 1995; Burney & Leerkes, 2010). Outros estudos têm indicado que, quanto mais elevadas as habilitações literárias das figuras parentais, maior a qualidade da coparentalidade percebida pelas mesmas (e.g. Stright & Bales, 2003; Bronte-Tinkew & Horowitz, 2009; Schoppe-Sullivan & Mangelsdorf, 2013).

No que diz respeito ao número de horas de trabalho da díade coparental, Jia e Schoppe-Sullivan (2011) verificam que o número de horas (por semana) de trabalho do pai se encontra positiva e significativamente associado a comportamentos de enfraquecimento coparental, apresentados pela díade. Por sua vez, Doherty e Beaton (2004) referem que as mães, cujos empregos são caracterizados como exaustivos, tendem a apresentar expetativas elevadas sobre o envolvimento do pai nos cuidados à criança e, sequentemente, sobre a qualidade da relação de coparentalidade, o que poderá provocar situações de suporte/enfraquecimento coparental. Nesta linha, Perry-Jenkins, Repetti e Crouter (2000) indicam que o número de horas de trabalho de ambas as figuras parentais encontra-se associado à eficácia coparental.

No que diz respeito às características da criança, Margolin, Gordis e John (2001) referem que as figuras parentais apresentam uma maior eficácia coparental quando os seus filhos/as têm idade pré-escolar. Nesta fase de desenvolvimento, as crianças poderão desafiar as estratégias adotadas pelos cuidadores e, deste modo, ampliar a importância de cooperação entre os membros coparentais (Jia & Schoppe-Sullivan, 2011). Porém, no estudo realizado Stright e Bales (2003), os autores não verificam associações entre a idade da criança e a qualidade dos comportamentos de coparentalidade. Devido ao facto de algumas investigações indicarem um maior envolvimento paterno com crianças do sexo masculino (e.g. Easterbrooks & Goldberg, 1984; Monteiro et al., 2010) seria expectável que nas interações pai-mãe-criança, as figuras parentais apresentassem mais frequentemente comportamentos de enfraquecimento coparental, comparativamente com as interações com crianças do sexo feminino (Stright & Bales, 2003). Neste sentido, McHale (1995) verifica que nas famílias com crianças do sexo masculino, as figuras parentais apresentam interações de coparentalidade hostil/competitiva. Contudo, Stright e Bales (2003) não encontram associações entre o sexo da criança e a qualidade da relação coparental.

De acordo com algumas investigações, o rendimento familiar encontra-se relacionado com os comportamentos de suporte entre a díade coparental (e.g. Bronte-Tinkew & Horowitz, 2009; Burney & Leerkes, 2010; Schoppe-Sullivan & Mangelsdorf, 2013), o que poderá dever-se à sua associação com o suporte conjugal e parental (e.g. Conger, Conger, Elder, Lorentz, Simons, & Whitbeck, 1993; Ge, Conger, Loernz, & Simons, 1994).

Concordância entre a Perspetiva Paterna e Materna sobre a Relação de Coparentalidade

As possíveis discrepâncias existentes entre a perspetiva do pai e da mãe sobre a qualidade da relação de coparentalidade são um importante indicador do contributo de ambos os cuidadores nesta relação, e parecem encontrar-se associadas às expectativas pré e pós-natal, à intimidade estabelecida pelo casal, e à qualidade da sua comunicação (McHale, Kazali, Rotman, Carleton, & Lieberman, 2004; Carneiro, Corboz-Warnery, & Fivaz-Depeursinge, 2006; McHale & Rotman, 2007; Feinberg et al., 2012).

Buckley e Schoppe-Sullivan (2010) verificam que a perceção que a mãe e o pai tem sobre a qualidade da sua relação de coparentalidade, nomeadamente ao nível do suporte e enfraquecimento coparental, se encontram moderadamente correlacionadas. Na mesma linha, Feinberg, Brown e Kan (2012) verificam um nível de concordância moderado acerca da qualidade geral da relação coparental, no entanto, da análise às diferentes dimensões do

constructo, verificam que as figuras parentais apresentam valores de concordância mais discretos no domínio da divisão de tarefas. Este resultado poderá encontrar-se relacionado com a partilha de responsabilidades em função do género, nomeadamente na área dos cuidados à criança (Feinberg, 2003; Egeren, 2004), dado que a mãe parece continuar a ser a principal responsável (ver Coltrane, 2000; Lamb & Tamis-LeMonda, 2004). Pedro e Ribeiro (2015), num estudo com famílias bi-parentais portuguesas, verificam que ambas as figuras parentais apresentam uma representação idêntica ao nível da qualidade geral da sua relação coparental, contudo, ao nível de situações de negatividade que implicam a triangulação da criança, e situações de conflito interparental relacionadas com a educação dos filhos/as, os valores de concordância apresentam-se mais discretos.

Envolvimento Paterno e Coparentalidade

Em contraste com conceções anteriores acerca do papel paterno, muitas das vezes assentes num foco restritivo de sustento económico da família, atualmente verifica-se que o pai assume várias funções significativas, cuja importância varia consoante os contextos socioculturais (Lewis & Lamb, 2003; Lamb, 2010). Várias investigações têm demonstrado que o pai tem vindo a assumir um papel mais ativo no dia-a-dia com a criança (Pleck & Masciadrelli, 2004), e que este acréscimo de envolvimento em muito tem contribuído para a reorganização familiar (Cabrera et al., 2000). A acompanhar o progressivo interesse sobre a figura paterna (ver Lamb, 2010), surge um corpo crescente de investigação que foca a qualidade da relação de coparentalidade como um aspeto fundamental do sistema familiar, que envolve a coordenação de ambos os cuidadores nos seus papéis parentais (Feinberg, 2003).

Apesar do reduzido número de estudos que compreendem uma análise sobre as duas variáveis (Buckley & Schoppe-Sullivan, 2010), alguns autores têm defendido que o envolvimento paterno, nomeadamente, ao nível do cuidado à criança, não se encontra significativamente associado à qualidade da relação coparental (McHale, Khazan, Erera, Rotman, & DeCoursey, 2002). Contudo, outros têm indicado que, em famílias nucleares com crianças em idade pré-escolar, o envolvimento do pai surge como um preditor significativo da qualidade da relação de coparentalidade (e.g. Buckley & Schoppe-Sullivan, 2010; Fagan & Cabrera, 2012). Para além do facto de os pais que residem com os seus filhos/as indicarem um maior envolvimento paterno, comparativamente com os que não residem (e.g. Bruce & Fox, 1999; Carlson, McLanahan, & Brooks-Gunn, 2008), na idade pré-escolar as crianças tornam-se

elementos mais competentes na regulação das interações, facilitando o envolvimento paterno (Halme, Ästedt-Kurki, & Tarkka, 2009). Neste sentido, um maior envolvimento do pai parece conduzir a uma coordenação mais exigente de estratégias e práticas educativas por ambos os cuidadores, que, por sua vez, parece influenciar a qualidade da relação coparental (McHale & Fivaz-Depeursinge, 1999).

Fagan e Cabrera (2012) verificam que, embora o envolvimento do pai se encontre significativamente associado com a qualidade da relação de coparentalidade, os resultados diferem consoante o tipo de tarefas no qual o cuidador se encontra envolvido. Buckley e Schoppe-Sullivan (2010), Jia e Schoppe-Sullivan (2011) indicam que um maior envolvimento do pai nas atividades de cuidados diretos se encontra associado a elevados níveis de conflito entre as figuras parentais, e a comportamentos de enfraquecimento coparental. Por sua vez, um maior envolvimento do pai nas atividades lúdicas encontra-se associado a comportamentos de suporte coparental. Nesta linha, Monteiro e colaboradores (2010) verificam que a mãe parece desejar uma partilha tendencialmente igualitária com o pai, nas atividades de Ensino/Disciplina, Brincadeira e Lazer no Exterior, e uma menor partilha com o mesmo, nas atividades relacionadas com os Cuidados, especialmente, Indiretos. Estes resultados poderão encontrar-se relacionados com as crenças, atitudes, e expectativas da mãe no que diz respeito ao papel e competência do cuidador (Monteiro et al., 2010; Buckley & Schoppe-Sullivan, 2010).

Objetivos

Definiram-se como principais objetivos do estudo, analisar em famílias nucleares portuguesas com crianças em idade pré-escolar:

- (a) A concordância entre a perspectiva do pai e da mãe sobre a qualidade da relação de coparentalidade nas dimensões: acordo na educação da criança, suporte/enfraquecimento coparental, divisão de tarefas, gestão das dinâmicas familiares e proximidade baseada na parentalidade, no casal;
- (b) As associações entre a qualidade da relação de coparentalidade (na perspectiva do pai e da mãe) e as variáveis sociodemográficas relativas aos cuidadores, às crianças, e às famílias;
- (c) A relação entre o envolvimento do pai nas atividades de Cuidados (Diretos e Indiretos) e de Socialização (Ensino/Disciplina, Brincadeira e Lazer no Exterior), na relação de coparentalidade do casal.

MÉTODO

Participantes

No presente estudo participaram 83 mães e 59 pais, constituintes de famílias nucleares com crianças em idade pré-escolar. Destes, 59 eram casais. Os pais tinham idades compreendidas entre os 27 e os 49 anos ($M=37.5$; $DP=4.2$), e as mães entre os 22 e os 45 anos ($M=36.4$; $DP=4.4$). As habilitações literárias dos pais variavam entre os 4 e os 23 anos de escolaridade ($M=15.1$; $DP=3.8$), e as das mães entre os 6 e os 23 anos de escolaridade ($M=15.8$; $DP=2.9$). No que diz respeito à situação profissional dos pais, 1 encontrava-se a trabalhar a tempo parcial (18 horas por semana), e os restantes a tempo inteiro (em média, 40.8 horas por semana ($DP=5.5$)). Relativamente à situação profissional das mães, 4 encontravam-se a trabalhar a tempo parcial (em média, 20.8 horas por semana ($DP=6.8$)), 69 encontravam-se a trabalhar a tempo inteiro (em média, 38.5 horas por semana ($DP=3.5$)), e as restantes encontravam-se desempregadas. As crianças (42 do sexo masculino e 41 do sexo feminino) tinham idades compreendidas entre os 23 e os 74 meses ($M=50.9$; $DP=13.5$). As famílias apresentavam um rendimento a variar entre os 900€ e os 5 000€ ($M=2 564.3$; $DP=1 078.7$). As famílias são oriundas do distrito de Lisboa e Santarém, e foram recrutadas através de Creches e Jardins-de-Infância frequentadas pelas crianças, de Ensino Privado, e de Instituições Particulares de Solidariedade Social, tratando-se de uma amostra de conveniência.

Instrumentos

Ficha de Identificação

A Ficha de Identificação (Veríssimo, n.d.) visa recolher informação sociodemográfica relativa aos cuidadores (e.g. estado civil, idade, habilitações literárias), à criança (e.g. idade, sexo), e ao agregado familiar (e.g. nível socioeconómico).

Coparentalidade

A Escala da Relação Coparental (Feinberg, Brown, & Kan, 2012) foi criada a partir de medidas anteriormente concebidas que medem a qualidade da relação de coparentalidade, bem como, novos itens que lhe foram introduzidos.

Esta permite analisar a perceção que o pai (ou a mãe) tem do apoio da(o) parceira(o) e da coordenação de ambos, na educação do seu filho/a. É constituída por 35 itens baseados nas dimensões da coparentalidade propostos por Feinberg e colaboradores (2003, 2012): (a)

acordo na educação da criança, (b) suporte/enfraquecimento coparental, (c) divisão de tarefas, (d) gestão das dinâmicas familiares, (e) proximidade baseada na parentalidade.

(a) O acordo na educação da criança (4 itens) avalia o grau de acordo entre a díade parental em aspetos relacionados com as práticas parentais (e.g. “A minha companheira e eu temos ideias diferentes sobre as rotinas de refeição, de sono e outras do nosso filho”). (b) O suporte/enfraquecimento coparental remete para o grau de suporte recíproco entre a díade (19 itens), e inclui itens relacionados com o suporte coparental (e.g. “A minha companheira pergunta a minha opinião sobre a educação e a relação que ela mantém com o nosso filho”); aprovação à parentalidade da(o) parceira(o) (e.g. “Eu acredito que a minha companheira é uma boa mãe”); e enfraquecimento coparental (e.g. “Por vezes, a minha companheira faz piadas ou comentários sarcásticos sobre a minha forma de ser pai”). (c) A divisão de tarefas (2 itens) remete para a partilha das responsabilidades parentais (e.g. “A minha companheira não se preocupa em dividir de forma justa o cuidado do nosso filho”). (d) A gestão das dinâmicas familiares (5 itens) analisa a gestão, pontuação e modelação das dinâmicas familiares (e.g. “Discute com a sua companheira sobre o vosso filho à frente dele?”). (e) A proximidade baseada na parentalidade (5 itens) remete para o grau em que a intimidade na coparentalidade melhora e reforça o relacionamento do casal (e.g. “A relação com a minha companheira é mais forte agora do que antes de termos um filho”). Os itens são respondidos numa escala de 5 pontos, que varia entre “0-Não é verdadeiro sobre nós” e “6-Muito verdadeiro sobre nós”, excetuando a dimensão exposição aos conflitos interparentais, na qual as respostas variam entre “0-Nunca” e “6-Muito Frequentemente (várias vezes por dia)”. Os itens aplicados ao pai e à mãe diferem apenas na pessoa a quem aludem.

Na presente investigação, os alfas de Cronbach para as diferentes dimensões foram: acordo na educação da criança (pai) .72; acordo na educação da criança (mãe) .70; suporte/enfraquecimento coparental (pai) .27; suporte/enfraquecimento coparental (mãe) .68; divisão de tarefas (pai) $r_s=.52$ ($p<.01$); divisão de tarefas (mãe) $r_s=.53$ ($p<.01$); gestão das dinâmicas familiares (pai) .74; gestão das dinâmicas familiares (mãe) .84; proximidade baseada na parentalidade (pai) .69; proximidade baseada na parentalidade (mãe) .64. Estes valores são, de um modo geral, próximos dos indicados no estudo realizado por Feinberg e colaboradores (2012), excetuando o valor relativo à dimensão suporte/enfraquecimento coparental, cuja informação foi descrita pelo pai. Dado o mesmo se encontrar abaixo dos valores aceitáveis, no presente estudo a dimensão não será utilizada nas análises realizadas.

Envolvimento Paterno

A Escala de Envolvimento Parental: Participação em Atividades de Cuidados e de Socialização (Monteiro, Veríssimo, Pessoa e Costa, & Pimenta, 2008) visa analisar a participação do pai (da mãe, ou de ambos), em tarefas relacionadas com a criança, em contexto familiar. É constituída por 26 itens, distribuídos por 5 dimensões: (a) Cuidados Diretos, formada por 5 itens, relacionados com as atividades que requerem interação direta com a criança (e.g. “Quem vai deitar o seu filho?”); (b) Cuidados Indiretos, que compreende 7 itens, relacionados com a organização/planeamento de atividades relacionadas com a criança, que não implicam interação direta com a mesma (e.g. “Quem costuma comprar as roupas do seu filho?”); (c) Ensino/Disciplina, formada por 5 itens, que remetem para o ensino de competências e para o estabelecimento e cumprimento de regras (e.g. “Quem estabelece as regras em casa?”); (d) Brincadeira, que compreende 5 itens, relacionados com as diferentes brincadeiras (tranquilas, físicas, lúdicas) realizadas com a criança (e.g. “Quem lê histórias ao seu filho?”); (e) Lazer no Exterior, composta por 4 itens, que remetem para as atividades realizadas no exterior da habitação familiar (e.g. “Quem leva o seu filho ao parque infantil?”). Os itens são respondidos numa escala que varia entre (1) Sempre a mãe e (5) Sempre o pai.

Na presente investigação, os alfas de Cronbach para as cinco dimensões, nas quais a informação foi apenas descrita pela mãe, foram: Cuidados Diretos .77; Cuidados Indiretos .67; Ensino/Disciplina .78; Brincadeira .60; Lazer no Exterior .44. Excetuando o valor relativo à dimensão Lazer no Exterior, os restantes são aceitáveis e próximos dos indicados em outros estudos (e.g. Pimenta, Veríssimo, Monteiro, & Pessoa e Costa, 2010; Torres, Veríssimo, Monteiro, Santos, & Pessoa e Costa, 2013). Dado o valor relativo à dimensão Lazer no Exterior se encontrar abaixo dos valores aceitáveis, no presente estudo esta não será utilizada nas análises realizadas.

Procedimento

O presente estudo insere-se num projeto de investigação mais amplo, intitulado *Dad's involvement: is it just “cool and trendy” or does it really matter?*, previamente avaliado e autorizado pela Comissão de Ética do ISCTE-IUL, tendo-se destacado o cumprimento das boas práticas de conduta em investigação.

O projeto foi inicialmente apresentado aos equipamentos de infância (Direção e Educadoras de Infância) (ver anexo A), e, mediante a sua aprovação por estas entidades, foram enviadas as cartas de apresentação do projeto e os respetivos consentimentos

informados, aos pais/mães (ver anexo B). Numa fase posterior, e após autorização das famílias, foram enviados pelas Educadoras, através das crianças, os questionários para preenchimento.

De modo a serem controlados efeitos de ordem, foram inicialmente entregues, a cerca de metade da amostra, os questionários às mães (Ficha de Identificação, Escala de Envolvimento Parental, Escala da Relação Coparental; ver anexo C), e a outra metade, os questionários aos pais (Escala da Relação Coparental). Apenas quando os questionários de um dos cuidadores era devolvido (num envelope selado, a fim de ser salvaguardada a confidencialidade da informação descrita), era entregue o outro.

RESULTADOS

Os resultados referentes ao teste Shapiro-Wilk indicam que as variáveis não se apresentam normalmente distribuídas (Acordo na Educação da criança (pai) ($SW=.9$, $p=.00$); Acordo na Educação da Criança (mãe) ($SW=.88$, $p=.00$); Suporte/Enfraquecimento Coparental (mãe) ($SW=.92$, $p=.00$); Divisão de Tarefas (pai) ($SW=.84$, $p=.00$); Divisão de Tarefas (mãe) ($SW=.92$, $p=.00$); Gestão das Dinâmicas Familiares (pai) ($SW=.92$, $p=.00$); Gestão das Dinâmicas Familiares (mãe) ($SW=.82$, $p=.00$); Proximidade baseada na Parentalidade (pai) ($SW=.91$, $p=.00$), Proximidade baseada na Parentalidade (mãe) ($SW=.93$, $p=.00$), sendo os dados analisados com recurso a testes não paramétricos (Laureano, 2010).

Coparentalidade

Foram analisadas as Médias e os Desvios Padrão relativos às dimensões da qualidade da relação coparental, na perspetiva do pai e da mãe. Os resultados são reportados no Quadro 2.1.

Quadro 2.1.

Médias e Desvios Padrão da Qualidade da Relação Coparental, reportada pelo pai (N=59) e pela mãe (N=83)

| | M | DP |
|-----|--------------------------------------|------|
| Pai | Acordo na Educação da Criança | 4.89 |
| | Divisão de Tarefas | 4.85 |
| | Gestão das Dinâmicas Familiares | .85 |
| | Proximidade baseada na Parentalidade | 4.67 |
| Mãe | Acordo na Educação da Criança | 4.95 |
| | Suporte/Enfraquecimento Coparental | 3.67 |
| | Divisão de Tarefas | 3.96 |
| | Gestão das Dinâmicas Familiares | .76 |
| | Proximidade baseada na Parentalidade | 4.74 |

De acordo com a perspetiva paterna, e tendo em conta que a escala varia entre (0) Não é verdadeiro sobre nós e (6) Muito verdadeiro sobre nós, as díades coparentais tendem a partilhar entre si princípios morais, formas de prestação de cuidados, decisões sobre as necessidades da criança. De igual modo, tendem a partilhar as responsabilidades parentais, e apresentam intimidade conjugal, reforçada pela relação de coparentalidade. Relativamente à Gestão das Dinâmicas Familiares, de acordo com a perspetiva paterna, e tendo em conta que a escala varia entre (0) Nunca e (6) Muito Frequentemente, as díades coparentais raramente

expõem os seus filhos/as aos conflitos interparentais. Por sua vez, de acordo com a perspectiva materna, as figuras parentais tendem a partilhar entre si princípios morais, formas de prestação de cuidados, e decisões sobre as necessidades (e.g. emocionais) da criança. Relativamente ao Suporte/Enfraquecimento Coparental, os parceiros tendem a apresentar (menos manifestamente) suporte recíproco nas questões relacionadas com a parentalidade. Na perspectiva da mãe, é, tendencialmente, “algo verdadeiro”, que a díade coparental partilha responsabilidades parentais. De acordo com esta perspectiva, a intimidade conjugal do casal é melhorada e reforçada pela relação de coparentalidade. No que diz respeito à Gestão das Dinâmicas Familiares, as figuras parentais raramente expõem os seus filhos/as aos conflitos existentes entre si.

Concordância entre as Representações da Qualidade da Relação Coparental

Utilizando o Coeficiente de Correlação de Spearman, foram analisados os valores de concordância entre as respostas paternas e maternas sobre a qualidade da relação de coparentalidade nos 59 casais que fazem parte da amostra. Os resultados são reportados no Quadro 2.2.

Quadro 2.2.

Concordância entre a perspectiva paterna e materna acerca da Qualidade da Relação Coparental

| Perspetiva materna | Perspetiva paterna | | | |
|--------------------------------------|-------------------------------|--------------------|---------------------------------|--------------------------------------|
| | Acordo na Educação da Criança | Divisão de Tarefas | Gestão das Dinâmicas Familiares | Proximidade baseada na Parentalidade |
| Acordo na Educação da Criança | .45** | .56** | -.48** | .40** |
| Divisão de Tarefas | -.00 | .28* | -.07 | .01 |
| Gestão das dinâmicas Familiares | -.26* | -.29* | .70** | -.32* |
| Proximidade baseada na Parentalidade | .15 | .08 | -.23 | .28* |

*Nota: *p<.05, **p<.01*

Os dados indicam associações positivas e significativas entre as respostas da mãe e do pai para todas as dimensões, com particular relevo para a dimensão Acordo na Educação da Criança e Gestão das Dinâmicas Familiares.

Pode-se, ainda, verificar que o Acordo na Educação da Criança encontra-se positiva e significativamente associado à Divisão de Tarefas e à Proximidade baseada na Parentalidade; e negativa e significativamente associado à Gestão das Dinâmicas Familiares. Por sua vez, a

Gestão das Dinâmicas Familiares encontra-se negativa e significativamente associada ao Acordo na Educação da Criança, à Divisão de Tarefas e à Proximidade baseada na Parentalidade.

Variáveis Sociodemográficas e Qualidade da Relação de Coparentalidade

Foram analisadas as associações entre as variáveis sociodemográficas relativas aos cuidadores, às crianças e ao agregado familiar, e a qualidade da relação coparental, na perspetiva do pai e da mãe. Os resultados são apresentados no Quadro 2.3.

Na perspetiva paterna, verifica-se que o número de horas de trabalho semanal do pai encontra-se negativa e significativamente associado com a Divisão de Tarefas entre as figuras parentais, e com a Proximidade baseada na Parentalidade. Por outro lado, o número de horas de trabalho semanal do pai encontra-se positiva e significativamente associado com a Gestão das Dinâmicas Familiares. Verifica-se, ainda, que o número de horas de trabalho semanal materno encontra-se negativa e significativamente associado com o Acordo na Educação da Criança, e com a Divisão de Tarefas entre a díade coparental. Por outro lado, o número de horas de trabalho semanal da mãe encontra-se positiva e significativamente associado com a Gestão das Dinâmicas Familiares.

Recorrendo ao teste Mann-Whitney verifica-se que, na perspetiva do pai, o Acordo na Educação da Criança não difere para crianças do sexo masculino ($Mdn=5.3$) e feminino ($Mdn=4.9$), $U=351.5$, $p=.21$; a Divisão de Tarefas não difere para crianças do sexo masculino ($Mdn=5$) e feminino ($Mdn=5.5$), $U=383$, $p=.42$; a Gestão das Dinâmicas Familiares não difere para crianças do sexo masculino ($Mdn=.6$) e feminino ($Mdn=.9$), $U=381$, $p=.42$; a Proximidade baseada na Parentalidade não difere para crianças do sexo masculino ($Mdn=4.8$) e feminino ($Mdn=4.8$), $U=420.5$, $p=.84$.

Por sua vez, na perspetiva materna, verifica-se que a Idade do pai e as suas Habilitações Literárias encontram-se positiva e significativamente associadas com a Divisão de Tarefas. Por outro lado, verifica-se que, o número de horas de trabalho semanal do pai encontra-se negativa e significativamente associado ao grau de suporte recíproco entre a díade coparental.

Quadro 2.3.

Correlações de Spearman (r_s) entre as Variáveis Sociodemográficas e a Qualidade da Relação Coparental, reportada pelo pai (N=59) e pela mãe (N=83)

| Sociodemográficos | Relação Coparental | | | | | | | | |
|------------------------|-------------------------------|--------------------|---------------------------------|--------------------------------------|-------------------------------|----------------------------|--------------------|---------------------------------|--------------------------------------|
| | Pai | | | | Mãe | | | | |
| | Acordo na Educação da Criança | Divisão de Tarefas | Gestão das Dinâmicas Familiares | Proximidade baseada na Parentalidade | Acordo na Educação da Criança | Suporte/Enfraq. Coparental | Divisão de Tarefas | Gestão das Dinâmicas Familiares | Proximidade baseada na Parentalidade |
| Idade Pai | .06 | -.05 | .08 | -.15 | -.11 | -.06 | .24* | -.08 | -.09 |
| Idade Mãe | .06 | .09 | .09 | -.23 | -.11 | .04 | .21 | -.00 | -.11 |
| Hab. Literárias Pai | -.02 | .01 | .01 | -.15 | -.00 | .09 | .24* | -.07 | -.06 |
| Hab. Literárias Mãe | .15 | -.11 | .02 | -.11 | -.11 | .05 | .06 | -.01 | .07 |
| N.º Horas Trabalho Pai | -.24 | -.31* | .31* | -.29* | -.08 | -.23* | -.11 | .17 | -.06 |
| N.º Horas Trabalho Mãe | -.28* | -.27* | .28* | -.23 | -.10 | .03 | .04 | .11 | .01 |
| Idade Criança | -.08 | .11 | .08 | -.03 | -.18 | .09 | .03 | .07 | -.14 |
| Rendimento Familiar | -.08 | -.20 | .20 | -.24 | -.24 | .07 | .17 | .13 | -.07 |

*Nota: * $p < .05$*

Recorrendo ao teste Mann-Whitney verifica-se que, na perspetiva materna, o Acordo na Educação da Criança não difere para crianças do sexo masculino ($Mdn=5$) e feminino ($Mdn=5.5$), $U=709$, $p=.19$; o Suporte/ Enfraquecimento Coparental não difere para crianças do sexo masculino ($Mdn=3.7$) e feminino ($Mdn=3.8$), $U=736.5$, $p=.26$; a Divisão de Tarefas não difere para crianças do sexo masculino ($Mdn=3.8$) e feminino ($Mdn=4.5$), $U=720.5$, $p=.20$; a Gestão das Dinâmicas Familiares não difere para crianças do sexo masculino ($Mdn=.6$) e feminino ($Mdn=.6$), $U=801$, $p=.58$; a Proximidade baseada na Parentalidade não difere para crianças do sexo masculino ($Mdn=5.2$) e feminino ($Mdn=4.8$), $U=828.5$, $p=.77$.

Envolvimento Paterno

Foram analisadas as Médias e os Desvios Padrão relativos às dimensões do envolvimento paterno (perspetiva da mãe). Os resultados são apresentados no Quadro 2.4.

Quadro 2.4.

Médias e Desvios Padrão do Envolvimento Paterno, na perspetiva materna (N=83)

| | M | DP |
|--------------------|------|-----|
| Cuidados Diretos | 2.34 | .54 |
| Cuidados Indiretos | 2.27 | .44 |
| Ensino/Disciplina | 2.82 | .38 |
| Brincadeira | 3 | .41 |

Na perspetiva materna e, tendo em conta que a escala varia entre (1) Sempre a mãe e (5) Sempre o pai, verifica-se que as tarefas de Cuidados Diretos e Indiretos são, mais frequentemente, realizadas pela mãe. Por outro lado, as atividades de Ensino/Disciplina são tendencialmente partilhadas por ambas as figuras parentais, sendo que na Brincadeira “Tanto a mãe como o pai” participam nestas atividades.

Envolvimento Paterno e Qualidade da Relação Coparental

Analisaram-se as associações entre o envolvimento paterno e a qualidade da relação de coparentalidade (reportada pelo pai). Os resultados são apresentados no Quadro 2.5.

Quadro 2.5.

Correlações de Spearman (r_s) entre o Envolvimento Paterno e a Qualidade da Relação Coparental, reportada pelo pai (N=59) e pela mãe (N=83)

| Envolvimento Paterno | Relação Coparental | | | | | | | | |
|----------------------|-------------------------------|--------------------|---------------------------------|--------------------------------------|-------------------------------|----------------------------|--------------------|---------------------------------|--------------------------------------|
| | Pai | | | | Mãe | | | | |
| | Acordo na Educação da Criança | Divisão de Tarefas | Gestão das Dinâmicas Familiares | Proximidade baseada na Parentalidade | Acordo na Educação da Criança | Suporte/Enfraq. Coparental | Divisão de Tarefas | Gestão das Dinâmicas Familiares | Proximidade baseada na Parentalidade |
| Cuidados Diretos | .25 | .41** | -.26* | .38** | .24* | .31** | .42** | -.18 | .16 |
| Cuidados Indiretos | -.03 | .21 | -.07 | .14 | .06 | .32** | .42** | -.20 | .09 |
| Ensino/Disciplina | .07 | .24 | -.19 | .44** | .03 | .18 | .09 | -.08 | .10 |
| Brincadeira | .00 | .15 | -.02 | .21 | .05 | .18 | -.20 | .20 | -.08 |

*Nota: * $p < .05$, ** $p < .01$*

Na perspetiva paterna, o envolvimento do pai, ao nível das atividades de Cuidados Diretos, encontra-se positiva e significativamente associado com a Divisão de Tarefas, e com a Proximidade baseada na Parentalidade. Por outro lado, o envolvimento do cuidador nestas tarefas encontra-se negativa e significativamente associado com a Gestão das Dinâmicas Familiares. Verifica-se, ainda, que quanto maior o envolvimento do pai nas atividades relacionadas com o Ensino/Disciplina, maior a Proximidade baseada na Parentalidade.

Por sua vez, na perspetiva materna, verifica-se que o envolvimento do pai, ao nível das tarefas de Cuidados Diretos, encontra-se positiva e significativamente associado com o grau de Acordo na Educação da Criança entre as figuras parentais, com o grau de suporte recíproco entre a díade coparental, e com a partilha de responsabilidades parentais. A participação do pai ao nível dos Cuidados Indiretos encontra-se, igualmente, positiva e significativamente associada ao grau de suporte entre os cuidadores, e à Divisão de Tarefas.

DISCUSSÃO

O envolvimento paterno é um dos aspetos do sistema familiar que, nas últimas décadas, tem recebido especial enfoque (Marsiglio, Amato, Day, & Lamb, 2000). Apesar das crescentes expectativas sociais acerca do papel do pai (McConnell & Kerig, 2002), tem-se verificado que o aumento da sua responsabilidade ao nível dos cuidados à criança é modesto e que, comparativamente à mãe, o cuidador mantém-se menos envolvido (e.g. Hofferth, Pleck, Stueve, Bianchi, & Sayer, 2002; Pleck & Masciadrelli, 2004). Associado ao crescente interesse sobre a figura paterna, emerge a importância da qualidade da relação coparental, designadamente, no bem-estar e desenvolvimento infantil; e a relação entre as duas variáveis (Buckley & Schoppe-Sullivan, 2010).

Neste âmbito, delineou-se como primeiro objetivo da presente investigação, analisar a concordância entre as perspetivas de ambas as figuras parentais acerca da qualidade da relação de coparentalidade. Das quatro dimensões consideradas verificaram-se associações positivas e significativas entre as respostas do pai e da mãe, com particular relevo no domínio do acordo na educação da criança e gestão das dinâmicas familiares. Os dados reportados por Feinberg e colaboradores (2012) e por Pedro e Ribeiro (2015) apresentam valores mais baixos de concordância.

Tal como demonstrado no estudo realizado por Feinberg, Brown e Kan (2012), as figuras parentais apresentaram concordância na dimensão divisão de tarefas, contudo, os valores mostraram-se mais discretos. Este resultado demonstra a perceção que as figuras parentais apresentam sobre o seu comprometimento nas tarefas relacionadas com a criança, e o seu sentimento de suporte recíproco com o parceiro/a na realização das atividades (Feinberg et al., 2012). O resultado da presente investigação poderá indicar que, apesar do aumento da contribuição paterna no cuidado à criança (Coltrane, 2000; Lamb & Tamis-LeMonda, 2004), a mãe deseja uma maior participação do pai (e.g. Monteiro et al., 2010).

Considerando o segundo objetivo delineado, verificou-se que, na perspetiva paterna, o número de horas de trabalho do pai encontra-se positiva e significativamente associado à gestão das dinâmicas familiares, e negativa e significativamente associado à divisão de tarefas, e à proximidade baseada na parentalidade. Verificou-se, ainda, que quanto mais alargado o horário de trabalho (semanal) materno, maior a exposição da criança a conflitos interparentais, menor o grau de acordo na educação da criança, e menor a partilha de responsabilidades parentais. Neste sentido, alguns investigadores têm identificado que o

número de horas de trabalho das figuras parentais poderá apresentar consequências negativas no bem-estar e funcionamento familiar (e.g. ver Alexander & Baxter, 2005; Johnson, Li, Kendall, Strazdins, & Jacoby, 2013). Os cuidadores que apresentam um horário laboral mais alargado tendem a indicar níveis mais elevados de cansaço e *stress* (Bianchi & Milkie, 2010; Johnson et al., 2013), maiores níveis de conflito, e menores níveis de interação positiva (e.g. Volling & Belsky, 1991; ver Russell, 2009). Por outro lado, uma menor disponibilidade horária paterna/materna parece contribuir para uma menor partilha de responsabilidades parentais (e.g. Bianchi, 2000; Alexander & Baxter, 2005; Barnes, Bryson, & Smith, 2006).

Na perspetiva paterna, e, de acordo com os resultados apresentados em diferentes investigações (e.g. Gable et al., 1995; Burney & Leerkes, 2010), verificou-se que a idade e as habilitações literárias das figuras parentais não se encontram significativamente associadas à qualidade da relação coparental. De igual modo, e corroborando o resultado obtido no estudo realizado por Stright e Bales (2003), não se constataram associações entre a idade e o sexo da criança, e a qualidade da relação coparental. Ao contrário do esperado (e.g. Bronte-Tinkew & Horowitz, 2009), verificou-se que o rendimento familiar não se encontra positiva e significativamente associado à qualidade da relação entre a díade coparental.

Na perspetiva materna, constatou-se que a idade do pai encontra-se positiva e significativamente associada à divisão de tarefas. Em consonância, algumas investigações (e.g. Castillo et al., 2011) têm verificado que os pais com mais idade tendem a envolver-se mais nas responsabilidades parentais. Verificou-se, também, que o nível educativo paterno encontra-se positiva e significativamente associado à partilha de responsabilidades parentais. Através deste resultado poderá colocar-se a hipótese de que pais com um nível educativo superior tendem a assumir uma maior responsabilidade parental, devido aos recursos psicológicos e informações sobre as necessidades de desenvolvimento da criança, que possuem (e.g. Bailey, 1994; Coley & Lansdale, 1999). Constatou-se, ainda, que na perspetiva da mãe, o número de horas de trabalho do pai encontra-se negativa e significativamente associado ao suporte/enfraquecimento coparental, resultado congruente com o estudo realizado por Jia e Schoppe-Sullivan (2011). Em consonância Beaton, Doherty e Wenger (2013) referem que uma menor partilha de responsabilidades parentais, resultante de condições horárias laborais, encontra-se associada a maiores níveis de conflito interparental.

Ao contrário do verificado em diferentes estudos (e.g. Bronte-Tinkew & Horowitz, 2009; Doherty & Beaton, 2004; Schoppe-Sullivan & Mangelsdorf, 2013), constatou-se que o rendimento familiar, a idade da mãe e o seu número de horas de trabalho não se encontram

associadas à qualidade da relação de coparentalidade. De igual modo, e corroborando o resultado obtido por Burney e Leerkes (2010) não se verificaram associações entre as habilitações literárias maternas e a qualidade da relação coparental. Constatou-se, ainda, que a idade e o sexo da criança não se encontram associadas à qualidade da relação de coparentalidade (e.g. Stright & Bales, 2003).

Partindo de uma análise ao envolvimento paterno, na presente investigação verificou-se que a mãe assume mais frequentemente responsabilidades na área dos Cuidados (Diretos e Indiretos). Contudo, as atividades de Ensino/Disciplina, e em particular, as atividades de Brincadeira (=3) são, tendencialmente, partilhadas de modo igualitário por ambas as figuras parentais. Este resultado apresenta-se congruente com um variado número de estudos (e.g. McBride & Mills, 1993; Bailey, 1994; Lima, 2005; Pimenta et al., 2010).

Da análise à relação entre o envolvimento paterno (percecionado pela mãe) e a qualidade da relação de coparentalidade (percecionada pelo pai), verificou-se que o envolvimento paterno, ao nível dos Cuidados Diretos, encontra-se positiva e significativamente associado à qualidade da relação coparental, nas dimensões divisão de tarefas e proximidade baseada na parentalidade; e negativa e significativamente associado à qualidade da relação coparental, na dimensão gestão das dinâmicas familiares. Por sua vez, quanto maior o envolvimento paterno nas atividades de Ensino/Disciplina, maior a proximidade baseada na parentalidade. Apesar do reduzido número de investigações neste âmbito, McHale e Fivaz-Depeursinge (1999) referem que, apesar de o desacordo entre as figuras parentais que poderá surgir na educação da criança, devido a um maior envolvimento paterno, este poderá resultar numa maior colaboração parental. Por outro lado, um maior envolvimento paterno, desejado pela mãe, poderá resultar em maiores benefícios para a relação de coparentalidade (Jia & Schoppe-Sullivan, 2011).

No que diz respeito à análise entre o envolvimento paterno (percecionado pela mãe) e a qualidade da relação de coparentalidade (percecionada pela mãe), verificou-se que o envolvimento do pai ao nível dos Cuidados Diretos encontra-se positiva e significativamente associado ao acordo na educação da criança, ao suporte/enfraquecimento coparental, e à divisão de tarefas. Por sua vez, o envolvimento paterno ao nível dos Cuidados Indiretos encontra-se positiva e significativamente associado ao suporte/enfraquecimento coparental, e à divisão de tarefas. Alguns autores (e.g. Buckley & Schoppe-Sullivan, 2010; Jia & Schoppe-Sullivan, 2011) têm verificado que um maior envolvimento do pai ao nível dos cuidados diretos conduz a comportamentos de enfraquecimento coparental; e que um maior

envolvimento paterno nas atividades lúdicas conduz a comportamentos de suporte coparental. Neste sentido, Monteiro e colaboradores verificaram que a mãe deseja uma partilha, tendencialmente igualitária, nas atividades de Socialização, e uma menor partilha com o cuidador nas atividades de Cuidados, especialmente, Indiretos. Deste modo, o resultado do presente trabalho não corrobora os obtidos em diferentes estudos, verificando-se que um maior envolvimento do pai ao nível dos Cuidados (Diretos e Indiretos) resulta numa maior qualidade da relação de coparentalidade, enquanto o envolvimento paterno ao nível das atividades de Socialização não se encontra associado à qualidade da relação coparental. Importa salientar que, apesar de Jia e Schoppe-Sullivan (2011) terem utilizado a metodologia de observação na análise à qualidade da relação de coparentalidade, Buckley e Schoppe-Sullivan (2010) utilizaram a metodologia de observação e aplicaram instrumentos de autorrelato ao pai e à mãe para análise da relação coparental, no domínio do suporte e enfraquecimento coparental.

Em estudos futuros a realizar no âmbito da presente investigação, seria importante serem consideradas as perceções paternas acerca do seu envolvimento com a criança (ver Hernandez & Coley, 2007; Saracho & Spodek, 2008), assim como, a metodologia de observação (Monteiro et al., 2010; Jia & Schoppe-Sullivan, 2011), uma vez que, através da sua utilização, poder-se-iam analisar aspetos como comportamentos de sensibilidade e presença de apoio do pai na interação com a criança, e comportamentos de cooperação entre a díade coparental na interação com a criança (e.g. Gardner, 2000; Buckley & Schoppe-Sullivan, 2010).

Apesar do crescente interesse sobre o envolvimento paterno, assim como, sobre a qualidade da relação de coparentalidade, o número de estudos que analisam a relação entre as duas variáveis é reduzido (Buckley & Schoppe-Sullivan, 2010). Neste sentido, e, tendo em conta os resultados obtidos na presente investigação, torna-se fundamental investir nesta área, assim como, nos fatores que podem reforçar ou enfraquecer as associações entre o envolvimento do pai e a qualidade da relação coparental (Jia & Schoppe-Sullivan, 2011).

DISCUSSÃO GERAL DOS ESTUDOS

Vários estudos têm destacado a importância do envolvimento paterno e da qualidade da relação de coparentalidade no funcionamento familiar e no desenvolvimento infantil (e.g. ver Lamb, 2010; Schoppe-Sullivan & Mangelsdorf, 2013). Porém, apesar do crescente interesse sobre o papel da figura paterna, por exemplo, sobre a sua participação nas tarefas de cuidados e de socialização (Lamb & Tamis-LeMonda, 2004; Lamb, 2010), várias investigações têm-se focado essencialmente nas características quantitativas do envolvimento do pai (Cabrera et al., 2000). Contudo, diversos estudos empíricos apontam para o facto de que o desenvolvimento da criança não é, apenas, beneficiado pela mera presença paterna (Black, Dubowitz, & Starr, 1999) mas, também, ou essencialmente, pela qualidade das interações pai-criança (e.g. Brown et al., 2012). O presente trabalho procurou contribuir para esta discussão ao incluir uma medida de carácter qualitativo, mesmo que de autorrelato: estilos parentais paternos. Sugere-se em estudos futuros a utilização de uma metodologia mais diversificada, recorrendo nomeadamente à observação de comportamentos paternos na interação com a criança (Monteiro et al., 2010). Tal permitiria, inclusivamente, comparar a descrição de observadores independentes e a descrição dos próprios pais.

O número de estudos que analisam a relação entre o envolvimento do pai e a qualidade da relação de coparentalidade é reduzido (Buckley & Schoppe-Sullivan, 2010). Aqueles por nós encontrados (Buckley & Schoppe-Sullivan, 2010; Jia & Schoppe-Sullivan, 2011; Fagan & Cabrera, 2012) verificam uma associação significativa entre o envolvimento paterno e a qualidade de coparentalidade, contudo, os resultados diferem consoante o domínio em análise. Enquanto o envolvimento do pai, ao nível das atividades lúdicas, se encontra associado a comportamentos de suporte coparental, o envolvimento paterno, nas atividades de cuidados diretos, encontra-se associado a comportamentos de conflito e enfraquecimento coparental. Pelo contrário, os resultados por nós obtidos sugerem que um maior envolvimento paterno no domínio dos Cuidados resulta numa maior qualidade da relação entre a díade coparental, quer na perspetiva do pai, quer na da mãe. Vários estudos (e.g. McBride & Mills, 1993; Bailey, 1994; Pimenta et al., 2010) têm verificado que apesar do aumento da participação paterna nos cuidados à criança, a mãe assume um papel central na realização dos mesmos. Relativamente à participação paterna nas atividades de socialização, a partilha com a figura materna apresenta-se tendencialmente igualitária (e.g. Pleck & Masciadrelli, 2004; Lima, 2005; Monteiro et al., 2008). Apesar de vários estudos sugerirem que a mãe, em termos absolutos,

brinca mais frequentemente com a criança, comparativamente ao pai, as brincadeiras paternas parecem apresentar-se mais salientes devido às suas características (efusivas, estimulantes, excitantes) (Lamb, Frodi, Hwang, & Frodi, 1983; Lamb & Tamis-LeMonda, 2004; Lamb, 2010). Como esta responsabilidade parece cumprir as crenças e expectativas sobre o papel do pai, um maior envolvimento do mesmo nestas atividades poderia resultar num maior suporte materno, e sequentemente, numa maior qualidade coparental (Jia & Schoppe-Sullivan, 2011). Porém, os nossos resultados sugerem que as atitudes e expectativas das figuras parentais, no que diz respeito ao papel e competência do cuidador, aproximam-se do “novo ideal de pai”, mais disposto a envolver-se nos vários aspetos da vida da criança, com uma diluição dos efeitos de género. Considerando a importância da metodologia de observação, torna-se fundamental inseri-la, igualmente, no estudo das relações de coparentalidade, de modo a obter-se uma melhor análise e compreensão do constructo (Buckley & Schoppe-Sullivan, 2010). Deste modo tornar-se-ia possível observar comportamentos apresentados pela díade coparental na interação com a criança, e comparar a descrição de observadores independentes e a informação descrita pelos cuidadores.

Considerando a importância dos resultados obtidos nos diferentes estudos, torna-se fundamental o surgimento de políticas sociais e económicas orientadas para a família, que promovam o envolvimento paterno (positivo) (Black et al., 1999; Lima, 2005), a partir de, por exemplo, programas de intervenção com as figuras parentais (e.g. Doherty, Erickson, & LaRossa, 2006).

REFERÊNCIAS

- Aboim, S. (2010). Género, Família e Mudança em Portugal. In K. Wall, S. Aboim, & V. Cunha (Eds.), *A Vida Familiar no Masculino: Negociando velhas e novas masculinidades* (pp. 29-66). Lisboa: Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.
- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Alexander, M., & Baxter, J. (2005). Impacts of work on family life among partnered. *Family Matters*, 72, 18-25.
- Altenburger, L. E., Schoppe-Sullivan, S. J., Lang, S. N., Bower, D. J., & Dush, C. M. K. (2014). Associations Between Prenatal Coparenting Behavior and Observed Coparenting Behavior at 9-Months Postpartum. *Journal of Family Psychology*, 28(4), 495-504. doi: 10.1037/fam0000012
- Armentrout, J. A., & Burger, G. K. (1972). Factor analyses of college students' recall of parental childrearing behaviors. *Journal of Genetic Psychology*, 121(1), 155-161. doi: 10.1080/00221325.1972.10533138
- Arsénio, C., & Santos, S. (2013). Paternidade na infância: Envolvimento paterno e estilos parentais educativos em pais de crianças em idade escolar. In A. Pereira, M. Calheiros, P. Vagos, I. Direito, S. Monteiro, C. Silva, & A. Gomes (Eds.), *VIII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia* (pp. 638-648). Lisboa, Portugal: Associação Portuguesa de Psicologia.
- Bailey, W. T. (1991). Fathers' involvement in their children's health care. *Journal of Genetic Psychology*, 152, 289-293. doi: 10.1080/00221325.1991.9914686
- Bailey, W. T. (1994). A longitudinal study of father's involvement with young children: Infancy to age 5 years old. *Journal of Genetic Psychology*, 155, 331-339. doi: 10.1080/00221325.1994.9914783
- Balancho, L. S. (2004). Ser pai: Transformações intergeracionais na paternidade. *Análise Psicológica*, 22(2), 377-386.
- Barker, G., & Pawlak, P. (2011). Men, Families, Gender Equality and Care Work. In United Nations (Ed.), *Men in Families and Family Policy in a Changing World* (pp. 9-45). NY: United Nations.
- Barnes, M., Bryson, C., & Smith, R. (2006). *Working atypical hours: What happens to 'family life'?*. London: National Centre for Social Research.

- Baumrind, D. (1966). Effects of Authoritative Parental Control on Child Behavior. *Child Development*, 37(4), 887-907. doi: 10.2307/1126611
- Baumrind, D. (1967). Child care practices anteceding three patterns of preschool behavior. *Genetic Psychology Monographs*, 75(1), 43-88.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology Monograph*, 4, 1-103. doi: 10.1037/h0030372
- Baumrind, D. (1991). The influence of parenting style on adolescent competence and substance use. *Journal of Early Adolescence*, 11(1), 56-95. doi: 10.1177/02724316911111004
- Beaton, J. M., Doherty, W. J., & Wenger, L. (2013). Mothers and fathers coparenting together. In A. L. Vangelisti (Ed.), *Handbook of Family Communication* (2nd ed.) (pp. 269-286). Mahway, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development*, 55(1), 83-96.
- Belsky, J., Crnic, K., & Gable, S. (1995). The determinants of coparenting in families with toddler boys: Spousal differences and daily hassles. *Child Development*, 66(3), 629-642. doi: 10.1111/j.1467-8624.1995.tb00894.x
- Belsky, J., Putnam, S., & Crnic, K. (1996). Coparenting, parenting, and early emotional development. In J. P. McHale, & P. A. Cowan (Eds.), *Understanding how family-level dynamics affect children's development: Studies of two-parent families. New directions for child development* (pp. 45-55). San Francisco, CA: Jossey-Bass.
- Benson, J. B., & Haith, M. M. (2009). *Social and emotional development in infancy and early childhood*. Elsevier: Amsterdam.
- Black, M., Dubowitz, H., & Starr, J. R. (1999). African American Fathers in Low Income, Urban Families: Development, Behavior, and Home Environment of Their Three-Year-Old Children. *Child Development*, 70(4), 967-978. doi: 10.1111/1467-8624.00070
- Bianchi, S. M. (2000). Maternal employment and time with children: Dramatic change or surprising continuity?. *Demography*, 37(4), 401-414. doi: 10.1353/dem.2000.0001
- Bianchi, S. M., & Milkie, M. A. (2010). Work and Family Research in the First Decade of the 21st Century. *Journal of Marriage and Family*, 72(3), 705-725. doi: 10.1111/j.1741-3737.2010.00726.x

- Bonds, D. D., & Gondoli, D. M. (2007). Examining the process by which marital adjustment affects maternal warmth: the role of coparenting support as a mediator. *Journal of Family Psychology, 21*(2), 288-96. doi: 10.1037/0893-3200.21.2.288
- Bonney, J. F., Kelley, M. L., & Levant, R. F. (1999). A model of fathers' behavioural involvement in child in dual-earner families. *Journal of Family Psychology, 13*(3), 401-415. doi: 10.1037/0893-3200.13.3.401
- Bornstein, M. H. (2002). Parenting infants. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Vol. 1. Children and parenting* (2nd ed.) (pp. 3-43). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss. Vol. 1. Attachment*. New York: Basic Books.
- Bronte-Tinkew, J., & Horowitz, A. (2009). Factors Associated With Unmarried, Nonresident Fathers' Perceptions of Their Coparenting. *Journal of Family Issues, 31*(1), 31-65. doi: 10.1177/0192513X09342866
- Bronte-Tinkew, J., & Moore, K. A. (2004). *The Developing a Daddy Survey (DADS) Project: Framework Paper*. Paper prepared for the National Institute for Child Health and Human Development, Child Trends, Washington, DC.
- Brown, G. L., Mangelsdorf, S. C., & Neff, C. (2012). Father involvement, paternal sensitivity, and father-child attachment security in the first 3 years. *Journal of Family Psychology, 26*(3), 421-430. doi: 10.1037/a0027836
- Bruce, C., & Fox, G. L. (1999). Accounting for patterns of father involvement: Age of child, father-child coresidence, and father role salience. *Sociological Inquiry, 69*(3), 458-476. doi: 10.1111/j.1475-682X.1999.tb00881.x
- Buckley, C. K., & Schoppe-Sullivan, S. J. (2010). Father involvement and coparenting behavior: Parents' nontraditional beliefs and family earner status as moderators. *Personal Relationships, 17*(3), 413-431. doi: 10.1111/j.1475-6811.2010.01287.x
- Burney, R. V., & Leerkes, E. M. (2010). Links between mothers' and fathers' perceptions of infant temperament and coparenting. *Infant Behavior and Development, 33*(2), 125-135. doi: 10.1016/j.infbeh.2009.12.002
- Cabrera, N. J., Fitzgerald, H. E., Bradley, R. H., & Roggman, L. (2007). Modeling the Dynamics of Paternal Influences on Children Over the Life Course. *Applied Development Science, 11*(4), 185-189. doi: 10.1080/10888690701762027
- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Lamb, M. E., & Boller, K. (1999, August). *Measuring father involvement in the early start evaluation: A multidimensional conceptualization*.

Paper presented at the National Conference on Health Statistics, Washington, D.C., E.U.A.

- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S., & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the Twenty-First Century. *Child Development, 71*(1), 127-136. doi: 10.1111/1467-8624.00126
- Campos, D., & Cruz, O. (2011). Questionário de Estilos Parentais (QEP) revisitado. In Atas do VIII congresso ibero-americano de avaliação psicológica e XV conferência internacional avaliação psicológica: formas e contextos, Lisboa.
- Cardoso, J., & Veríssimo, M. (2013). Estilos parentais e relações de vinculação. *Análise Psicológica, 31*(4), 393-406.
- Carlson, M. J., McLanahan, S. S., & Brooks-Gunn, J. (2008). Coparenting and non-resident fathers' involvement with young children after a nonmarital birth. *Demography, 45*(2), 461-488. doi: 10.1353/dem.0.0007
- Carneiro, C., Corboz-Warnery, A., & Fivaz-Depeursinge, E. (2006). The Prenatal Lausanne Trilogue Play: A new observational assessment tool of the prenatal co-parenting alliance. *Infant Mental Health Journal, 27*(2), 207-228. doi: 10.1002/imhj.20089
- Castillo, J., Welch, G., & Sarver, C. (2011). Fathering: The Relationship Between Fathers' Residence, Fathers' Sociodemographic Characteristics, and Father Involvement. *Matern Child Health, 15*(8), 1342-1349. doi: 10.1007/s10995-010-0684-6
- Chao, R. K. (1994). Beyond Parental Control and Authoritarian Parenting Style: Understanding Chinese Parenting through the Cultural Notion of Training. *Child Development, 65*(4), 1111-1119. doi: 10.2307/1131308
- Coley, R. L., & Lansdale, P. L. (1999). Stability and Change in Paternal Involvement among Urban African American Fathers. *Journal of Family Psychology, 13*(3), 416-435.
- Coltrane, S. (2000). Research on household labor: Modeling and measuring the social embeddedness of routine family work. *Journal of Marriage and the Family, 62*(4), 1208-1233. doi: 10.1111/j.1741-3737.2000.01208.x
- Conger, R. D., Conger, K. J., Elder, G. H., Lorentz, F. O., Simons, R. L., & Whitbeck, L. B. (1993). Family economic stress and adjustment of early adolescent girls. *Developmental Psychology, 29*(2), 206-219.
- Cook, S., Holosko, M., & Feit, M. (Eds.). (2015). *Evidence-Informed Assessment and Practice in Child Welfare*. NY: Springer.

- Coverman, S. (1985). Explaining Husbands' Participation in Domestic Labor. *The Sociological Quarterly*, 26(1), 81-97. doi: 10.1111/j.1533-8525.1985.tb00217.x
- Cox, M. J., Owen, M. T., Henderson, V. K., & Margand, N. A. (1992). Prediction of infant-father and infant-mother attachment. *Developmental Psychology*, 28, 474-483. doi: 10.1037//0012-1649.28.3.474
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as a context: an integrative model. *Psychological Bulletin*, 113, 487-496. doi: 10.1037/0033-2909.113.3.487
- Davis, J. E., & Perkins, W. E. (1996). *Fathers' Care: A Review of the Literature*. Paper prepared for the National Center on Fathers and Families, Philadelphia, E.U.A.
- Dette-Hagenmeyer, D. E., Erzinger, A. B., & Reichle, B. (2014). The changing role of the father in the family. *European Journal Development Psychology*, 11(2), 129-135. doi: 10.1080/17405629.2014.883313
- Deutsch, F. M. (2001). Equally shared parenting. *American Psychological Society*, 10(1), 25-28. doi: 10.1111/1467-8721.00107
- Doherty, W. J., & Beaton, J. M. (2004). Mothers and fathers parenting together. In A. Vangelisti (Ed.), *Handbook of family communication* (pp. 269-286). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Doherty, W., Erickson, M. F., & LaRossa, R. (2006). An Intervention to Increase Father Involvement and Skills With Infants During the Transition to Parenthood. *Journal of Family Psychology*, 20(3), 438-447. doi: 10.1037/0893-3200.20.3.438
- Doherty, W. J., Kouneski, E. F., & Erikson, M. F. (1998). Responsible fathering: An overview and conceptual framework. *Journal of Marriage and the Family*, 60, 277-292. doi: 10.2307/353848
- Dornbusch, S. M., Ritter, P. L., Leiderman, H., Roberts, D. R., & Fraleigh, M. J. (1987). The Relation of Parenting Style to Adolescent School Performance. *Child Development*, 58(5), 1244-1257. doi: 10.2307/1130618
- Durrant, J. (2005). Corporal Punishment: Prevalence, predictors and implications for child behaviour and development. In S. N. Hart (Ed.), *Eliminating Corporal Punishment: The Way Forward to Constructive Child Discipline* (pp. 49-90). Paris: UNESCO.
- Durst, P. L., Wedemeyer, N. V., & Zurcher, L. A. (1985). Parenting partnerships after divorce: Implications for practice. *Social Work*, 30(5), 423-428. doi: 10.1093/sw/30.5.423

- Dush, C., Kotila, L., & Schoppe-Sullivan, J. S. (2011). Predictors of Supportive Coparenting After Relationship Dissolution Among At-Risk Parents. *Journal of Family Psychology, 25*(3), 356-365. doi: 10.1037/a0023652
- Easterbrooks, M. A., & Goldberg, W. A. (1984). Toddler development in the family: Impact of father involvement and parenting characteristics. *Child Development, 55*, 740-752.
- Egeren, L. (2004). The development of coparenting over the transition to parenthood. *Infant Mental Health Journal, 25*(5), 453-477. doi: 10.1002/imhj.20019
- Egeren, L., & Hawkins, D. (2004). Coming to terms with coparenting: Implications of definition and measurement. *Journal of Adult Development, 11*(3), 165-178. doi: 10.1023/B:JADE.0000035625.74672.0b
- Elliston, D., McHale, J., Talbot, J., Parmley, M., & Kuersten-Hogan, R. (2008). Withdrawal from coparenting interactions during early infancy. *Family Process, 47*(4), 481-499. doi: 10.1111/j.1545-5300.2008.00267.x
- Fabes, R. A., Leonard, S. A., Kupanoff, K., & Martin, C. L. (2001). Parental Coping with Children's Negative Emotions: Relations with Children's Emotional and Social Responding. *Child Development, 72*(3), 907-920. doi: 10.1111/1467-8624.00323
- Fagan, J., & Cabrera, N. (2012). Longitudinal and Reciprocal Associations Between Coparenting Conflict and Father Engagement. *Journal of Family Psychology, 26*(6), 1004-11. doi: 10.1037/a0029998
- Fagan, J., & Palm, G. (2004). *Fathers and early childhood programs*. Clifton Park, NY: Delmar.
- Feinberg, M. E. (2002). Coparenting and prevention at the transition to parenthood. *Clinical Child and Family Psychology Review, 5*(3), 173-195. doi: 10.1023/A:1019695015110
- Feinberg, M. E. (2003). The internal structure and ecological context of coparenting: A framework for research and intervention. *Parenting: Science and Practice, 3*(2), 95-131. doi: 10.1207/S15327922PAR0302_01
- Feinberg, M. E., Brown, L. D., & Kan, M. L. (2012). A Multi-Domain Self-Report Measure of Coparenting. *Parenting. Science and Practice, 12*(1), 1-21. doi: 10.1080/15295192.2012.638870
- Ferguson, C. J. (2013). Spanking, corporal punishment and negative long-term outcomes: A meta-analytic review of longitudinal studies. *Clinical psychology review, 33*(1), 196-208. doi: 10.1016/j.cpr.2012.11.002

- Fernandes, M., Monteiro, L., & Veríssimo, M. (2015). *Effects of Educational Level and Working Hours on Father's Parenting Style and Level of Involvement*. Paper presented at the 17th European Conference on Developmental Psychology. Braga: Portugal.
- Gable, S., Belsky, J., & Crnic, K. (1995). Coparenting during the child's second year: A descriptive account. *Journal of Marriage and the Family*, *57*(3), 609-616. doi: 10.2307/353916
- Gaertner, B. M., Spinrad, T. L., Eisenberg, N., & Greving, K.A. (2007). Parental childrearing attitudes as correlates of father involvement during infancy. *Journal of Marriage and Family*, *69*(4), 962-976. doi: 10.1111/j.1741-3737.2007.00424.x
- Gardner, F. (2000). Methodological issues in the direct observation of parent-child interaction: do observation findings reflect the natural behavior of participants? *Clinical Child and Family Psychology Review*, *3*(3), 185-198. doi: 10.1023/A:1009503409699
- Ge, X., Conger, R. D., Loernz, F. O., & Simons, R. L. (1994). Parents' stressful life events and adolescent depressed mood. *Journal of Health and Social Behavior*, *35*(1), 28-44.
- Gershoff, E. T. (2002). Parental corporal punishment and associated child behaviors and experiences: A meta-analytic and theoretical review. *Psychological Bulletin*, *128*(4), 539-579. doi: 10.1037//0033-2909.128.4.539
- Glaser, K., Price, D., Montserrat, E. R., Gessa, G., & Tinker, A. (2013). *A prestação de cuidados pelos avós na Europa: as políticas familiares e o papel dos avós na prestação de cuidados infantis*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Grolnick, W. S., & Ryan, R. M. (1989). Parent styles associated with children's self regulation and competence in school. *Journal of Educational Psychology*, *81*(2), 143-154. doi: 10.1037/0022-0663.81.2.143
- Grych, J. H., & Fincham, F. D. (1993). Children's appraisals of marital conflict: Initial investigations of the cognitive-contextual framework. *Child Development*, *64*(1), 215-230. doi: 10.1111/j.1467-8624.1993.tb02905.x
- Halme, N., Ästedt-Kurki, P., & Tarkka, M. (2009). Fathers' involvement with their preschool age children: How fathers spend time with their children in different family structures. *Child Youth Care Forum*, *38*(3), 103-119. doi: 10.1007/s10566-009-9069-7
- Hawkins, A. J., & Palkovitz, R. (1999). Beyond ticks and clicks: The need for more diverse and broader conceptualizations and measures of father involvement. *The Journal of Men's Studies*, *8*, 11-32. doi: 10.3149/jms.0801.11

- Heaven, P., & Ciarrochi, J. (2008). Parental styles, gender and the development of hope and self-esteem. *European Journal of Personality*, 22(8), 707-724. doi: 10.1002/per.699
- Hernandez, D. C., & Coley, R. L. (2007). Measuring father involvement within low-income families: Who is a reliable and valid reporter?. *Parenting: Science and Practice*, 7(1), 69-97. doi:10.1207/s15327922par0701_4
- Hofferth, S., & Anderson, K. (2003). Are all dads equal? Biology versus marriage as a basis for parental investment. *Journal of Marriage and Family*, 65(1), 213-232. doi: 10.1111/j.1741-3737.2003.00213.x
- Hofferth, S., Pleck, J., Stueve, J. L., Bianchi, S., & Sayer, L. (2002). The demography of fathers: What fathers do. In C. S. Tamis-LeMonda & N. Cabrera (Eds.), *Handbook of father involvement* (pp. 63-90). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Howe, G. W., Bishop, G., Armstrong, B., & Fein, E. (1984). Parental decision-making styles during and after divorce. *Conciliation Courts Review*, 22(2), 63-70. doi: 10.1111/j.174-1617.1984.tb00101.x
- Jacobs, J. E., & Bleeker, M. M. (2004). Girls' and boys' developing interests in math and science: Do parents matter?. *New Directions for Child and Adolescent Development*, 106, 5-21. doi: 10.1002/cd.113
- Jacobs, J. N., & Kelley, M. L. (2006). Predictors of paternal involvement in childcare with dual-earner families with young children. *Fathering*, 4(1), 23-47.
- Jia, R., & Schoppe-Sullivan, S. J. (2011). Relations between coparenting and father involvement in families with preschool-age children. *Developmental Psychology*, 47(1), 106-118. doi: 10.1037/a0020802
- Johnson, S., Li, J., Kendall, G., Strazdins, L., & Jacoby, P. (2013). Mothers' and Fathers' Work Hours, Child Gender, and Behavior in Middle Childhood. *Journal of Marriage and Family*, 75(1), 56-74. doi: 10.1111/j.1741-3737.2012.01030.x
- Kuerston-Hogan, R. (2007). In J. P. McHale (Ed.), *Charting the Bumpy Road of Coparenthood: Understanding the Challenges of Family Life* (pp. 1-23). Washington: Zero to Three.
- Lamb, M. E. (1987). Introduction: The emergent American father. In M. E. Lamb (Ed.), *The father's role: Cross-cultural perspectives* (pp. 3-26). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Lamb, M. E. (1992). O papel do Pai em Mudança. *Análise Psicológica*, 1(10), 19-34.

- Lamb, M. E. (2000). The History of Research on Father Involvement. *Marriage & Family Review*, 29(2-3), 23-42. doi: 10.1300/J002v29n02_03
- Lamb, M. E. (Ed.). (2004). *The role of the Father in Child Development* (4th ed.). Hoboken, NJ: John Wiley and Sons.
- Lamb, M. E. (Ed.). (2010). *The role of the Father in Child Development* (5th ed.). Hoboken, NJ: John Wiley and Sons.
- Lamb, M. E., Frodi, M., Hwang, C. P., & Frodi, A. M. (1983). Effects of paternal involvement on infant preferences for mothers and fathers. *Child Development*, 54(2), 450-452. doi: 10.2307/1129706
- Lamb, M. E., & Tamis-LeMonda, C. S. (2004). The role of the Father: An Introduction. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the Father in Child Development* (4th ed.) (1-31). Hoboken, NJ: John Wiley and Sons.
- Lamborn, S. D., Mounts, N. S., Steinberg, L., & Dornbusch, S. M. (1991). Patterns of Competence and Adjustment among Adolescents from Authoritative, Authoritarian, Indulgent, and Neglectful Families. *Child Development*, 62(5), 1049-1065. doi: 10.1111/j.1467-8624.1991.tb01588.x
- Lamela, D., Costa, R. N., & Figueiredo, B. (2010). Modelos teóricos das relações coparentais: revisão crítica. *Psicologia em Estudo*, 15(1), 205-216.
- Laureano, R. M. S. (2010). *Testes de Hipóteses com o SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Lewis, C., & Lamb, M. (2003). Fathers' Influence on Children's Development: The Evidence from Two-Parent Families. *European Journal of Psychology of Education*, 18(2), 211-228. doi: 10.1007/BF03173485
- Lewis, C., & Lamb, M. (2010). The Development and Significance of Father-Child Relationships in Two-Parent Families. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (5th ed.) (pp. 94-153). New York, NY: Wiley.
- Lima, J. (2005). O envolvimento paterno nos processos de socialização da criança. In J. B. Ruivo, *Desenvolvimento: Contextos familiares e educativos* (pp. 200-233). Porto, Portugal: Livpsic.
- Lindsey, E., & Caldera, Y. (2006). Coparenting, mother-infant interaction, and infant-parent attachment relationships in two-parent families. *Sex Roles*, 55, 511-521. doi: 10.1007/s11199-006-9106-z
- Lindsey, E., Caldera, Y., & Colwell, M. (2005). Correlates of Coparenting During Infancy. *Family Relations*, 54(3), 346-359. doi: 10.1111/j.1741-3729.2005.00322.x

- Maccoby, E. (1992). The role of parents in the socialization of children: An historical review. *Developmental Psychology*, 28(6), 1006-1017. doi: 10.1037/0012-1649.28.6.1006
- Maccoby, E., & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In P. Mussen (Ed.), *Handbook of child psychology: Vol.4. Socialization, personality, and social development* (4th ed.) (pp. 1-101). New York: John Wiley.
- Margolin, G., Gordis, E. B., & John, R. S. (2001). Coparenting: A link between marital conflict and parenting in two-parent families. *Journal of Family Psychology*, 15(1), 3-21. doi: 10.1037/0893-3200.15.1.3
- Marks, J., Bun, L. C., & McHale, S. M. (2009). Family Patterns of Gender Role Attitudes. *Sex Roles*, 61(3-4), 221-234. doi: 10.1007/s11199-009-9619-3
- Martin, C., & Redshaw, M. (2010). Fathers in the twenty-first century: essential role or accessory?. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 28(2), 113-115. doi: 10.1080/02646838.2010.484612
- Marsiglio, W., Amato, P., Day, R. D., & Lamb, M. E. (2000). Scholarship on fatherhood in the 1990s and beyond. *Journal of Marriage and Family*, 62(4), 1173-1191. doi: 10.1111/j.1741-3737.2000.01173.x
- Matejevic, M., Jovanovic, D., & Jovanovic, M. (2014). Parenting Style, Involvement of Parents in School Activities and Adolescents' Academic Achievement. *Procedia Social and Behavioral Sciences*, 128, 288-293. doi: 10.1016/j.sbspro.2014.03.158
- McBride, B. A., & Mills, G. (1993). A comparison of mother and father involvement with their preschool age children. *Early Childhood Research Quarterly*, 8(4), 457-477. doi: 10.1016/S0885-2006(05)80080-8
- McBride, B. A., Schoppe-Sullivan, S. J., & Rane, T. R. (2002). Child characteristics, parenting stress, and parental involvement: Fathers versus mothers. *Journal of Marriage and Family*, 64(4), 998-1011. doi: 10.1111/j.1741-3737.2002.00998.x
- McConnell, M., & Kerig, P. (2002). Assessing coparenting in families of school-age children: Validation of the Coparenting and Family Rating System. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 34(1), 44-58. doi: 10.1037/h0087154
- McHale, J. P. (1995). Coparenting and triadic interactions during infancy: The roles of marital distress and child gender. *Developmental Psychology*, 31(6), 985-996. doi: 10.1037/0012-1649.31.6.985

- McHale, J. P., & Fivaz-Depeursinge, E. (1999). Understanding triadic and family group interactions during infancy and toddlerhood. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 2(2), 107-127. doi: 10.1023/A:1021847714749
- McHale, J. P., Fivaz-Depeursinge, E., Dickstein, S., Robertson, J., & Daley, M. (2008). New evidence for the social embeddedness of infants' early triangular capacities. *Family Process*, 47(4), 445-463. doi: 10.1111/j.1545-5300.2008.00265.x
- McHale, J. P., Kazali, C., Rotman, T., Talbot, J., Carleton, M., & Lieberson, R. (2004). The transition to coparenthood: Parents' prebirth expectations and early coparental adjustment at 3 months postpartum. *Development and Psychopathology*, 16(3), 711-733. doi: 10.1017/S0954579404004742
- McHale, J. P., Khazan, I., Erera, P., Rotman, T., DeCoursey, W., & McConnell, M. (2002). Coparenting in diverse family systems. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting* (2nd ed.) (pp. 75-107). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- McHale, J. P., & Rotman, T. (2007). Is seeing believing?: Expectant parents' outlooks on coparenting and later coparenting solidarity. *Infant Behavior & Development*, 30(1), 63-81. doi: 10.1016/j.infbeh.2006.11.007
- McKinney, C., & Renk, K. (2008). Differential parenting between mothers and father: Implications for late adolescents. *Journal of Family Issues*, 29(6), 806-827. doi:10.1177/0192513X07311222
- Monteiro, L., Fernandes, M., Veríssimo, M., Pessoa e Costa, I., Torres, N., & Vaughn, B. E. (2010). Perspetiva do Pai Acerca do seu Envolvimento em Famílias Nucleares. Associações com o que é Desejado pela Mãe e com as Características da Criança. *Revista Interamericana de Psicologia*, 44(1), 120-130.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Castro, R., & Oliveira, C. (2006). Partilha da responsabilidade parental. Realidade ou expectativa? *Psychologica*, 42, 213-229.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Pessoa e Costa, I., & Pimenta, M. (2008). *Análise do envolvimento parental em famílias portuguesas com crianças em idade pré-escolar*. Paper presented at the XIII Conferencia Internacional Avaliação Psicológica: Formas e contextos, Braga, Portugal.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Santos, A. J., & Vaughn, B. E. (2008). Envolvimento paterno e organização dos comportamentos de base segura das crianças em famílias portuguesas. *Análise Psicológica*, 3(26), 395-409.

- Morgado, A. M., Dias, M. L. V., & Paixão, M. P. (2013). O desenvolvimento da socialização e o papel da família. *Análise Psicológica*, 31(2), 129-144.
- NICHD Early Child Care Research Network (2000). Factors associated with fathers' caregiving activities and sensitivity with young children. *Journal of Family Psychology*, 14, 200-219. doi:10.1037//D893-3200.14.2.200
- Oliva, A., Parra, A., Sánchez-Queija, I., & López, F. (2007). Estilos educativos materno y paterno: Evaluación y relación con el ajuste adolescente. *Anales de psicología*, 23(1), 49-56.
- Palkovitz, R. (1997). Reconstructing "involvement:" Expanding conceptualizations of men's caring in contemporary families. In A. J. Hawkins & D.C. Dollahite (Eds.), *Generative fathering: Beyond deficit perspectives* (pp. 200-206). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Palkovitz, R. (2002). Involved Fathering and Child Development: Advancing our Understanding of Good Fathering. In C. S. Tamis-LeMonda & N. Cabrera (Eds.), *Handbook of Father Involvement: Multidisciplinary Perspectives* (pp. 119-140). Mahwah, NJ: Routledge Academic.
- Parke, R. D. (2000). Father Involvement. *Marriage & Family*, 29(2,3), 43-58. doi: 10.1300/J002v29n02_04
- Pedro, M. F., Carapito, E., & Ribeiro, T. (2015). Parenting Styles and Dimensions Questionnaire – Versão Portuguesa de Autorrelato. *Psychology/Psicologia Reflexão e Crítica*, 28(2), 302-312. doi: 10.1590/1678-7153.201528210
- Pedro, M. F., & Ribeiro, M. T. (2015). Adaptação Portuguesa do Questionário de Coparentalidade: Análise Fatorial Confirmatória e Estudos de Validade e Fiabilidade. *Psychology/Psicologia Reflexão e Crítica*, 28(1), 116-125. doi: 10.1590/1678-7153.201528113
- Perry-Jenkins, M., Repetti, R. L., & Crouter, A. C. (2000). Work and family in the 1990s. *Journal of Marriage and the Family*, 62(4), 981-1017. doi: 10.1111/j.1741-3737.2000.00981.x
- Pimenta, M., Veríssimo, M., Monteiro, L., & Pessoa e Costa, I. (2010). O envolvimento paterno de crianças a frequentar o Jardim-de-Infância. *Análise Psicológica*, 4(28), 565-580.
- Pleck, J. H. (2010a). Fatherhood and Masculinity. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (5th ed.) (pp. 32-66). New York, NY: Wiley.

- Pleck, J. H. (2010b). Paternal involvement: Revised conceptualization and theoretical linkages with child outcomes. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (5th ed.) (pp. 58-93). New York, NY: Wiley.
- Pleck, J. H., & Masciadrelli, B. P. (2004). Paternal Involvement by U.S. Residential fathers. Levels, sources, and consequences. In M. E. Lamb (Ed.), *The Role of the Father in Child Development* (pp.222-306). Hoboken, NJ: John Wiley and Sons.
- PORDATA (2014). *População empregada a tempo completo e parcial – Mulheres na Europa*. Retirado de <http://www.pordata.pt/>
- Radin, N. (1993). Primary caregiving fathers in intact families. In A. Gottfried & A. Gottfried (Eds.), *Redefining families* (11-54). New York: Plenum.
- Richman, A. L., Miller, P. M., & LeVine, R. A. (1992). Cultural and educational variations in maternal responsiveness. *Developmental Psychology*, 28(4), 614-621. doi: 10.1037/0012-1649.28.4.614
- Robinson, C. C., Mandleco, B., Olsen, S. F., & Hart, C. H. (2001). The parenting styles and dimensions questionnaire. In B. F. Perlmutter, J. Touliatos, & G. W. Holden (Eds.), *Handbook of family measurement techniques: Vol. 3. Instruments & index* (pp. 319-321). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Roskam, I., & Meunier, J. C. (2009). How do parenting concepts vary within and between the families?. *European Journal of Psychology of Education*, 24(1), 33-47. doi: 10.1007/BF03173473
- Russell, A., Aloa, V., Feder, T., Glover, A., Miller, H. & Palmer, G. (1998). Sex-based differences in parenting styles in a sample with preschool children. *Australian Journal of Psychology*, 50(2), 89-99. doi: 10.1080/00049539808257539
- Russell, G. (2009). Living through Work, Work through Life. In E. J. Hill & D. R. Crane (Eds.), *Handbook of Families and Work: Interdisciplinary Perspectives* (pp. 449-479). UK: UPA.
- Saracho, O. N., & Spodek, B. (2008). Fathers: the “invisible” parents. *Early Child Development and Care*, 178(7-8), 821-836. doi: 10.1080/03004430802352244
- Schoppe-Sullivan, S. J., Brown, G. L., Cannon, E. A., Mangelsdorf, S. C., & Sokolowski, M. (2008). Maternal gatekeeping, coparenting quality, and fathering behavior in families with infants. *Journal of Family Psychology*, 22, 389-398. doi: 10.1037/0893-3200.22.3.389

- Schoppe-Sullivan, S. J., & Mangelsdorf, S. C. (2013). Parent Characteristics and Early Coparenting Behavior at the Transition to Parenthood. *Social Development, 22*(2), 363-383. doi: 10.1111/sode.12014
- Schoppe-Sullivan, S. J., Mangelsdorf, S. C., & Frosch, C. A. (2001). Coparenting, family process, and family structure: Implications for preschoolers' externalizing behaviour problems. *Journal of Family Psychology, 15*(3), 526-545. doi: 10.1111/j.1469-7610.2008.02009.x
- Schoppe-Sullivan, S. J., McBride, B. A., & Ho, M. H. (2004). Unidimensional Versus Multidimensional Perspectives on Father Involvement. *Fathering, 2*(2), 147-163. doi: 10.3149/fth.0202.147
- Silverstein, L. B., & Auerbach, C. F. (1999). Deconstructing the essential father. *American Psychologist, 54*(6), 397-407. doi: 10.1037/0003-066X.54.6.397
- Simons, L. G., & Conger, R. D. (2007). Linking mother-father differences in parenting to a typology of family parenting styles and adolescent outcomes. *Journal of Family Issues, 28*(2), 212-241. doi: 10.1177/0192513X06294593
- Stright, A. D., & Bales, S. S. (2003). Coparenting Quality: Contributions of Child and Parent Characteristics. *Family Relations, 52*(3), 232-240. doi: 10.1111/j.1741-3729.2003.00232.x
- Tamis-LeMonda, C. S., Shannon, J. D., Cabrera, N. J., & Lamb, M. E. (2004). Fathers and Mothers at Play With Their 2- and 3-Year-Olds: Contributions to Language and Cognitive Development. *Child Development, 75*(6), 1806-1820. doi: 10.1111/j.1467-8624.2004.00818.x
- Torres, A. (2004). *A Vida conjugal e o trabalho. Uma perspectiva sociológica*. Oeiras: Celta.
- Torres, N., Veríssimo, M., Monteiro, L., Santos, A. J., & Pessoa e Costa, I. (2013). Father involvement and peer play competence in preschoolers: The moderating effect of the child's difficult temperament. *Family Science, 3*(3-4), 174-188. doi: 10.1080/19424620.2012.783426
- Tremblay, S., & Pierce, T. (2011). Perceptions of fatherhood: Longitudinal reciprocal associations within the couple. *Canadian Journal of Behavioural Science, 43*(2), 99-110. doi: 10.1037/a0022635
- Veríssimo, M. (n.d.). *Ficha de Identificação*. Unpublished manuscript.

- Villalobos, J. A., Cruz, A. V., & Sánchez, P. R. (2004). Estilos parentales y desarrollo psicosocial en estudiantes de Bachillerato. *Revista Mexicana de Psicología*, 21(2), 119-129.
- Volling, B., & Belsky, J. (1991). Multiple determinants of father involvement during infancy in dual-earner and single-earner families. *Journal of Marriage & the Family*, 53(2), 461-474. doi: 10.2307/352912
- Winsler, A., Madigan, A. L., & Aquilino, S. A. (2005). Correspondence between maternal and paternal parenting styles in early childhood. *Early Childhood Research Quarterly*, 20(1), 1-12. doi: 10.1016/j.ecresq.2005.01.007
- Yeung, W. J., Sandberg, J. F., Davis-Kean, P. E., & Hofferth, S. L. (2001). Children's time with fathers in intact families. *Journal of Marriage and Family*, 63, 136-154. doi: 10.1111/j.1741-3737.2001.00136.x

Anexos

Anexo A: Carta de Apresentação do Projeto de Investigação



Exmo(a) Sr(a) Director(a)

No âmbito do projeto de investigação: ***Dad's involvement: is it just “cool and trendy” or does it really matter?*** gostaríamos de pedir a sua colaboração para a realização do mesmo.

Este projeto, coordenado pela Prof. Dra. Lúgia Monteiro, professora auxiliar no ISCTE-IUL, tem como objetivo analisar o papel do pai no contexto familiar (por exemplo, o modo como participam em diferentes atividades relativas aos cuidados e educação dos seus filhos) e o seu impacto no desenvolvimento social das crianças.

Uma vez que a família funciona como um sistema, pediremos a colaboração de pais e de mães. A recolha de dados consiste na entrega de questionários aos pais de crianças a frequentar o Jardim-de-Infância, e caso estes aceitem, a filmagem de uma interação lúdica entre o pai e a criança. Será realizada, ainda, uma pequena tarefa relacionada com as emoções, individualmente, com a criança. Pediremos ainda, a colaboração das educadoras para o preenchimento de um questionário sobre a adaptação social das crianças ao contexto escolar.

Os questionários serão entregues presencialmente às educadoras, após uma breve explicação do projeto, e entregues por estas aos pais. Os questionários serão posteriormente recolhidos em data a combinar, junto das educadoras/escolas.

Sublinhamos que a confidencialidade dos dados são garantidos. Os pais poderão desistir a qualquer momento da sua participação no projeto, que apenas terá início após o consentimento informado, assinado pelos mesmos.

Para qualquer esclarecimento necessário estamos ao Vosso dispor nos seguintes contactos:

Lúgia Monteiro – Gabinete 101 – Ala Autónoma. Imsmo@iscte.pt

Samanta Magalhães

Tânia Sousa – tfpsa@iscte-iul.pt

Atenciosamente e ao Vosso dispor,

Professora Doutora Lúgia Monteiro

Anexo B: Consentimento Informado



Professora Doutora Lígia Monteiro
Av.^a das Forças Armadas
1649-026 Lisboa, Portugal
Tel.: + 351 217 903 201

Exmos. Srs.

No âmbito do projeto de investigação *Dad's Involvement: is it just "cool and trendy" or does it really matter?* realizado no ISCTE-IUL, vimos por este meio solicitar a Vossa autorização para integrar o(a) seu(sua) filho(a) no estudo em questão, bem como pedir a Vossa participação no mesmo.

Este projeto visa analisar dois contextos de desenvolvimento centrais para as crianças: a família e o grupo de pares, dando continuidade ao trabalho de investigação que tem vindo a ser realizado pela sua Investigadora Principal (Prof. Lígia Monteiro), nos últimos anos.

Passamos a apresentar, de forma sucinta, os momentos nos quais se desenrolará o estudo:

- (a) Preenchimento de questionários pela mãe (3 questionários) e pelo pai (2 questionários) de modo independente.
- (b) Momento de brincadeira entre a criança e o pai, que será filmada (15 minutos). (Esta tarefa será realizada apenas com crianças que tenham entre os 3 e os 4 anos de idade).
- (c) A realização de uma pequena tarefa sobre a compreensão das emoções com a criança (individualmente).
- (d) Preenchimento de um questionário pela educadora da sala onde a criança se encontra.

A sua participação é voluntária, podendo retirar o seu consentimento a qualquer momento, sem prejuízo pessoal ou profissional para si. Não estão previstos riscos ou custos associados à participação neste estudo. Como benefícios, destacamos o forte contributo para esta área de investigação, com impacto na sociedade em geral, através da obtenção de novos conhecimentos.

Sublinhamos, ainda, que a confidencialidade dos dados está garantida e que as informações recolhidas serão apenas e exclusivamente utilizadas com fim científico e pela equipa de investigação supracitada. Salienta-se que todos os membros da equipa assinaram um documento de confidencialidade. Os participantes não serão identificados em qualquer relatório ou publicação.

O projeto foi submetido à Comissão de Ética do ISCTE-IUL, tendo dela obtido um parecer favorável, salientando-se o cumprimento das boas práticas de conduta em investigação.

Ao dispor para qualquer esclarecimento, junto dos seguintes contactos:

Lígia Monteiro – Gabinete 101 – Aula Autónoma, Extensão: 71101

Atenciosamente e ao Vosso dispor,
Professora Doutora Lígia Monteiro

Anexo B: Consentimento Informado (cont.)



Eu, abaixo assinado, Encarregado de Educação de _____, autorizo/não autorizo a participação do meu filho(a) no âmbito do Projeto de Investigação ***Dad's Involvement: is it just "cool and trendy" or does it really matter?*** tendo sido informado(a) dos objetivos e características do mesmo, assim, declaro que:

Autorizo a participação em todos os momentos do estudo____

Autorizo a participação apenas para os questionários____

Autorizo a participação apenas para os questionários e tarefa de interação criança/pai____

Autorizo a participação apenas para os questionários e tarefa das emoções com a criança____

Não autorizo a participação____

_____, _____ de _____ de 201____

Anexo C: Escala de Envolvimento Parental: Participação em Atividades de Cuidados e de Socialização (Monteiro, Veríssimo, Pessoa e Costa, & Pimenta, 2008)

As questões que se seguem descrevem algumas das atividades realizadas no dia-a-dia de uma família. Por favor, responda a cada uma delas de acordo com a **sua vivência diária** com o seu filho(a). Coloque uma cruz no quadro correspondente.

1 – Quem dá as refeições ao seu filho?

| Sempre a mãe | Mais frequentemente a mãe | Tanto a mãe como o pai | Mais frequentemente o pai | Sempre o pai |
|--------------------------|---------------------------|--------------------------|---------------------------|--------------------------|
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

2 – Quem é responsável pela ida ao médico do seu filho?

| Sempre a mãe | Mais frequentemente a mãe | Tanto a mãe como o pai | Mais frequentemente o pai | Sempre o pai |
|--------------------------|---------------------------|--------------------------|---------------------------|--------------------------|
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

3 – Quem ensina à criança novas competências (ex. as cores, contar ou jogar um jogo)?

| Sempre a mãe | Mais frequentemente a mãe | Tanto a mãe como o pai | Mais frequentemente o pai | Sempre o pai |
|--------------------------|---------------------------|--------------------------|---------------------------|--------------------------|
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

4 – Quem vai passear com o seu filho (ex. ao Jardim Zoológico)?

| Sempre a mãe | Mais frequentemente a mãe | Tanto a mãe como o pai | Mais frequentemente o pai | Sempre o pai |
|--------------------------|---------------------------|--------------------------|---------------------------|--------------------------|
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

5 – Quem dá banho ao seu filho?

| Sempre a mãe | Mais frequentemente a mãe | Tanto a mãe como o pai | Mais frequentemente o pai | Sempre o pai |
|--------------------------|---------------------------|--------------------------|---------------------------|--------------------------|
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

6 – Quem costuma comprar as roupas do seu filho?

| Sempre a mãe | Mais frequentemente a mãe | Tanto a mãe como o pai | Mais frequentemente o pai | Sempre o pai |
|--------------------------|---------------------------|--------------------------|---------------------------|--------------------------|
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

7 – Quem conversa com a criança sobre assuntos mais delicados (ex.: a morte, como nascem os bebés, etc.)?

| Sempre a mãe | Mais frequentemente a mãe | Tanto a mãe como o pai | Mais frequentemente o pai | Sempre o pai |
|--------------------------|---------------------------|--------------------------|---------------------------|--------------------------|
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

8 – Quem estabelece as regras em casa?

| Sempre a mãe | Mais frequentemente a mãe | Tanto a mãe como o pai | Mais frequentemente o pai | Sempre o pai |
|--------------------------|---------------------------|--------------------------|---------------------------|--------------------------|
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

9 – Quem brinca com o seu filho?

| Sempre a mãe | Mais frequentemente a mãe | Tanto a mãe como o pai | Mais frequentemente o pai | Sempre o pai |
|--------------------------|---------------------------|--------------------------|---------------------------|--------------------------|
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

10 – Quem costuma ir às reuniões de escola do seu filho?

| Sempre a mãe | Mais frequentemente a mãe | Tanto a mãe como o pai | Mais frequentemente o pai | Sempre o pai |
|--------------------------|---------------------------|--------------------------|---------------------------|--------------------------|
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

11 – Quem lê histórias ao seu filho?

| Sempre a mãe | Mais frequentemente a mãe | Tanto a mãe como o pai | Mais frequentemente o pai | Sempre o pai |
|--------------------------|---------------------------|--------------------------|---------------------------|--------------------------|
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

12 – Quem leva o seu filho às festas de anos?

| Sempre a mãe | Mais frequentemente a mãe | Tanto a mãe como o pai | Mais frequentemente o pai | Sempre o pai |
|--------------------------|---------------------------|--------------------------|---------------------------|--------------------------|
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

13 – Quem veste o seu filho?

Sempre a mãe Mais frequentemente a mãe Tanto a mãe como o pai Mais frequentemente o pai Sempre o pai

| | | | | |
|--|--|--|--|--|
| | | | | |
|--|--|--|--|--|

14 – Quem costuma comprar os brinquedos/jogos do seu filho?

Sempre a mãe Mais frequentemente a mãe Tanto a mãe como o pai Mais frequentemente o pai Sempre o pai

| | | | | |
|--|--|--|--|--|
| | | | | |
|--|--|--|--|--|

15 – Quem leva e traz o seu filho à escola?

Sempre a mãe Mais frequentemente a mãe Tanto a mãe como o pai Mais frequentemente o pai Sempre o pai

| | | | | |
|--|--|--|--|--|
| | | | | |
|--|--|--|--|--|

16 – Quem lida com os maus comportamentos da criança?

Sempre a mãe Mais frequentemente a mãe Tanto a mãe como o pai Mais frequentemente o pai Sempre o pai

| | | | | |
|--|--|--|--|--|
| | | | | |
|--|--|--|--|--|

17 – Quem é que faz jogos de mesa com o seu filho (ex. jogar cartas, puzzles, jogos de encaixe, etc.)?

Sempre a mãe Mais frequentemente a mãe Tanto a mãe como o pai Mais frequentemente o pai Sempre o pai

| | | | | |
|--|--|--|--|--|
| | | | | |
|--|--|--|--|--|

18 – Quem leva o seu filho ao parque infantil?

Sempre a mãe Mais frequentemente a mãe Tanto a mãe como o pai Mais frequentemente o pai Sempre o pai

| | | | | |
|--|--|--|--|--|
| | | | | |
|--|--|--|--|--|

19 – Quem vai deitar o seu filho?

Sempre a mãe Mais frequentemente a mãe Tanto a mãe como o pai Mais frequentemente o pai Sempre o pai

| | | | | |
|--|--|--|--|--|
| | | | | |
|--|--|--|--|--|

20 – Quem escolheu a escola que o seu filho frequenta?

Sempre a mãe Mais frequentemente a mãe Tanto a mãe como o pai Mais frequentemente o pai Sempre o pai

| | | | | |
|--|--|--|--|--|
| | | | | |
|--|--|--|--|--|

21 – Quem fica em casa quando o seu filho está doente?

Sempre a mãe Mais frequentemente a mãe Tanto a mãe como o pai Mais frequentemente o pai Sempre o pai

| | | | | |
|--|--|--|--|--|
| | | | | |
|--|--|--|--|--|

22 – Quem faz cumprir as regras?

Sempre a mãe Mais frequentemente a mãe Tanto a mãe como o pai Mais frequentemente o pai Sempre o pai

| | | | | |
|--|--|--|--|--|
| | | | | |
|--|--|--|--|--|

23 – Quem é que faz jogos mais físicos com o seu filho (ex. jogar à bola, andar às cavalitas, rolar no chão, etc.)?

Sempre a mãe Mais frequentemente a mãe Tanto a mãe como o pai Mais frequentemente o pai Sempre o pai

| | | | | |
|--|--|--|--|--|
| | | | | |
|--|--|--|--|--|

24 – Quem leva o seu filho às atividades extracurriculares (ex. natação)?

Sempre a mãe Mais frequentemente a mãe Tanto a mãe como o pai Mais frequentemente o pai Sempre o pai

| | | | | |
|--|--|--|--|--|
| | | | | |
|--|--|--|--|--|

25 – Quem vê televisão com o seu filho?

Sempre a mãe Mais frequentemente a mãe Tanto a mãe como o pai Mais frequentemente o pai Sempre o pai

| | | | | |
|--|--|--|--|--|
| | | | | |
|--|--|--|--|--|

26 – A quem é que a escola telefona se acontecer algo ao seu filho?

Sempre a mãe Mais frequentemente a mãe Tanto a mãe como o pai Mais frequentemente o pai Sempre o pai

| | | | | |
|--|--|--|--|--|
| | | | | |
|--|--|--|--|--|